

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL - PPGEA
MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

**O PROCESSO FORMATIVO EM ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA DAS
LIDERANÇAS DOS EMPREENDIMENTOS ATENDIDOS PELO NUDESE-FURG:
CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA**

LUCIA REGINA NOBRE

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

LUCIA REGINA NOBRE

**O PROCESSO FORMATIVO EM ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA DAS
LIDERANÇAS DOS EMPREENDIMENTOS ATENDIDOS PELO NUDESE-FURG:
CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Lúcia de Fátima Socoowski de Anello

Ficha catalográfica

N754p Nobre, Lucia Regina.
O processo formativo em economia popular solidária das lideranças dos empreendimentos atendidos pelo NUDESE-FURG: contribuições à educação ambiental crítica / Lucia Regina Nobre. – 2019.
105 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, 2019.

Orientadora: Dra. Lúcia de Fátima Socoowski de Anello.

1. Processos Formativos 2. Economia Popular Solidária
3. Empreendimento Econômico Solidário 4. Educação Ambiental Crítica I. Anello, Lúcia de Fátima Socoowski de II. Título.

CDU 330.873:504:37

Lúcia Regina Nobre

“O Processo Formativo em Economia Popular Solidária das Lideranças dos Empreendimentos Atendidos pelo NUDESE-FURG: Contribuições à Educação Ambiental Crítica”

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:



Profª. Drª. Lúcia de Fátima Socoowski de Anello
(PPGEA/FURG)



Profª. Drª. Dione Iara Silveira Kitzmann
(PPGEA/FURG)



Prof. Dr. Carlos Frederico Bernardo Loureiro
(UFRJ)

*Dedico este trabalho a todos os grupos que ousam
construir uma outra economia, uma economia que se desafia,
mesmo no sistema capitalista, a ser mais justa e solidária e, em
especial, valorizar o “ser” ao invés do “ter”.*

AGRADECIMENTOS

Como iniciar agradecendo um ou outro se o que acredito é que toda e qualquer construção deva se dar no coletivo? Então, agradeço a todos que neste lapso de tempo em que me dedicava ao estudo e à escrita desta dissertação me dirigiram seus olhares, seus sorrisos, seus ouvidos e suas energias. Certamente todos vocês contribuíram para que este estudo se consolidasse.

Para não fugir do comum, começo agradecendo à Espiritualidade Maior que oportunizou que eu pudesse me indignar com as desigualdades neste mundo e isto me empurrasse a estudar e buscar alternativas de uma sociedade mais justa.

Em agradecendo à Espiritualidade, agradeço em especial ao Grupo Espírita da Vila Dias, que todas as segundas me enche de boas energias para continuar nas minhas atividades.

Agradeço a minha mãezinha, exemplo de amor e dedicação, mesmo que agora em alguns momentos chega a questionar: - Para que tu precisas estudar mais? Já não deu? Não tens que descansar? – Mãezinha, tu és meu exemplo de luta, e também aprendi contigo que a luta nunca se para.

A meus irmãos, Victor e Vladimir, que mesmo sem entenderem muito o que faço e o que sonho, são capazes de dizer e incentivar: - “Vai em frente!”

Aos meus sobrinhos, mesmo que hoje alguns questionem o porquê da minha dedicação aos meus sonhos; a proposta de economia solidária, todos eles conhecem e fazem sua defesa quando necessária. Afinal a tia/dinda os obrigava a passar dias trabalhando junto aos grupos, então o aprendizado veio por osmose e quando reclamam sei que o que estão a reclamar é a minha presença.

À Universidade Federal do Rio Grande – FURG, a minha FURG, que me enche de orgulho por sermos sim um pontinho de resistência nestes tempos bicudos que estamos a passar. Nesta Universidade onde fiz minha graduação, especialização e agora o mestrado, mas em especial onde dedico meu dia a dia na atividade de técnica administrativa em educação e pude experienciar o que é atender ao público; público este que com seus impostos sustenta esta universidade. Nada mais justo é devolvermos este conhecimento aqui produzido, que não é pouco, para esta sociedade. E nesta reflexão não esqueço jamais do meu sindicato, a gloriosa APTAFURG, que muito me ensinou e ensina ainda o sentido da expressão “servidor público”.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, por oportunizar a formação de qualidade e apresentar os caminhos da pesquisa, digno de uma Universidade Pública, Gratuita e com Referência Social.

Agradecer ao Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico – NUDESE, que me acolheu e me permite experimentar várias realizações. A toda sua equipe em especial a Dorita – Dóris Back Perius, a Angélica Machado, o Andrezito – André Bailon e a nossa nova “aquisição”, afinal ainda estamos no sistema capital, a Cris – Maria Cristina Hentsch de Azevedo.

Tenho muito a agradecer aos grupos assistidos pelo NUDESE ao longo destes anos, em especial aos atendidos neste período e que fazem parte desta

pesquisa: Associação de Pescadores da Vila São Miguel – APESMI, Grupo Delícias Solidárias, Rede de Artesanato, Grupo ECONORTE, Cooperativa de Reciclagem e Defesa do Meio Ambiente Santa Rita, por permitirem momentos de trocas onde somos aprendentes.

Não tenho como deixar de agradecer em especial a minha orientadora que me fez acreditar que o mestrado seria uma boa construção. Lucia Anello, cinquenta por cento deste título é teu, pois ninguém conseguia fazer eu sair da zona de conforto e voltar aos bancos escolares.... tu fez. Obrigada por todas as palavras de incentivo e por todos os caminhos mostrados para que eu pudesse fazer uma pesquisa com o rigor científico necessário, mas com uma cara popular. Obrigada por fazer com que eu chegasse até aqui. Com uma orientadora desta que sabe ser humana e explorar cada ponto positivo que se esconde em cada um de nós posso fazer mais uns dez mestrados.

E a minha co-orientadora que não pode ser de direito, mas foi de fato, a Danieli Veleda Moura, que com sua amorosidade, foi me ensinando tanta coisa e fazendo eu rever conceitos um tanto equivocados. Tua dedicação, Dani, é demais, obrigadão. Ah...O Christian Simões também, fazendo leituras atentas e apontando onde precisava melhorar meu texto, sempre como nos diz Paulo Freire, com amorosidade.

E os meus amigos? O que dizer destes que estão sempre ali e por conta das minhas escolhas acabei me afastando. Eu me afastei, mas vocês não se afastaram de mim. O coração pula quando lembro de cada um de vocês. Lembro do Ale e do Leandro que estão longes, mas guardados do lado esquerdo do peito. Lembro do Ricardinho e da Beta que muito estiveram ali me chamando a atenção para diminuir o ritmo e mesmo assim muito presentes em momentos oportunos. Da Lili, a baixinha, a Eliana que em meio a xingões e carinhos sempre esteve presente neste período e em toda minha vida depois que nos conhecemos.

O que dizer dos meus compadres e afilhado? São mais que compadres, mais que amigos, são em alguns momentos o meu refúgio. Às quartas-feiras do ano de 2018 tinham sabor de alegria, amor, satisfação, sabia que pegava o Augusto na escola nos divertiríamos muito e depois ainda teria longos papos com minha comadre Sabrina. O compadre André chegava mais tarde para seguir as conversas e comilança. Obrigada, queridos, vocês são demais, não sei explicar o sentimento, só tenho a dizer obrigada, obrigada, obrigada.

Agradeço também ao Cristiano, mais que meu sócio, mais que amigo, que diariamente escutava e sofria as consequências das minhas rabugices, crises e estresse... mas estava ali, me xingando e fazendo eu entrar no prumo ou compreendendo e emprestando o ouvido para as lamúrias.

Enfim, só tenho a agradecer por todos vocês fazerem parte da minha caminhada. GRATIDÃO, GRATIDÃO, GRATIDÃO!!!!

RESUMO

A presente pesquisa aborda o tema dos processos formativos em Economia Popular Solidária das lideranças dos empreendimentos econômicos solidários atendidos pelo NUDESE – FURG e as contribuições para Educação Ambiental Crítica. Mais especificamente, trata-se de um estudo de caso que investiga as formações dos trabalhadores associados dos empreendimentos estando ancorada no referencial teórico adotado, o materialismo histórico-dialético. Assim, por meio deste método procura-se desvendar a realidade, ou seja, as formas históricas das relações sociais estabelecidas. A pesquisa parte da revisão bibliográfica sobre o tema, bem como da experiência do trabalho que realizamos junto a empreendimentos econômicos solidários, ao longo de dez anos. Além da prática com os trabalhadores, sujeitos da pesquisa, este trabalho contou também com visitas de campo realizadas em cada um dos empreendimentos, questionários fechados, entrevistas semiestruturadas, acompanhamento sistemático e encontros formativos. A metodologia desta pesquisa consistiu em desenvolver e analisar um processo formativo a partir do acompanhamento sistemático das atividades e do entendimento dos participantes dos cursos registrados por meio da realização de entrevistas. Para estabelecer as categorias de análise foi feito o exercício de responder as perguntas propostas para que, desta forma, pudesse estabelecer o ponto de vista da pesquisadora e, assim, sistematizar as vivências como extensionista e por consequência avaliar a influência nos resultados. Tal procedimento permitiu o levantamento das categorias de análise e me preparou para realizar as entrevistas com os sujeitos da pesquisa. Como resultado, apresento os limites e possibilidades da Economia Popular Solidária, ou seja, dos empreendimentos econômicos solidários que já nascem como instrumentos da classe trabalhadora contra o desemprego estrutural e o despotismo do trabalho. Trago também as aproximações da Economia Popular Solidária e da Educação Ambiental Crítica, apresentando-as como um grande potencial de transformação social da realidade por estarem diretamente ligadas à prática social elegendo três aproximações centrais que são: categoria trabalho como ponto crucial para o desenvolvimento humano; a aprendizagem como um processo participativo, emancipatório e transformador e por fim ser contra a desumanização.

Palavras-chave: Processos formativos. Economia Popular Solidária. Empreendimento Econômico Solidário. Educação Ambiental Crítica.

RESUMEN

Esta investigación analiza el tema de los procesos formativos en la Solidaridad Economía Popular de los líderes de las empresas económicas solidarias a las que asiste NUDESE – FURG y las contribuciones a la Educación Ambiental Crítica. Más concretamente, se trata de un estudio de caso que investiga las formaciones de los trabajadores asociados de las empresas económicas solidarias, anclándose en el marco teórico adoptado, el materialismo histórico-dialéctico. Así, a través de este método buscamos desentrañar la realidad, es decir, las formas históricas de las relaciones sociales establecidas. La investigación es parte de la revisión bibliográfica sobre el tema, así como la experiencia de la obra que realizamos conjuntamente con emprendimientos económicos solidarios, en el transcurso de diez años. Además de la práctica con los trabajadores, sujetos de la investigación, este trabajo también incluyó recursos metodológicos tales como visitas de campo llevadas a cabo en cada una de las empresas, cuestionarios cerrados, entrevistas semiestructuradas, seguimiento Encuentros sistemáticos y formativos. La metodología de esta investigación consistió en desarrollar y analizar un proceso formativo basado en el seguimiento sistemático de las actividades y la comprensión de los participantes de los cursos registrados a través de entrevistas. Para establecer las categorías de análisis, se hizo el ejercicio de responder a las preguntas propuestas para que pudiera establecer el punto de vista del investigador y, por lo tanto, establecer las experiencias como Influencia en los resultados. Este procedimiento permitió la encuesta de las categorías de análisis y me preparó para llevar a cabo las entrevistas con los sujetos de investigación. Como resultado, presentamos los límites y posibilidades de la Economía popular solidaria, es decir, los emprendimientos económicos solidarios que ya nacen como instrumentos de la clase obrera contra el desempleo estructural y el despotismo del trabajo. También traemos las aproximaciones de la economía popular solidaria y la educación ambiental crítica, presentándolas como un gran potencial para la transformación social de la realidad porque están directamente vinculadas a la práctica social elegir tres aproximaciones centrales que son: el trabajo de categoría como un punto crucial para el desarrollo humano; Aprender como un proceso participativo, emancipatorio y transformador y, en última instancia, contra la deshumanización.

Palabras clave: Procesos Formativos; Economía Popular Solidaria; Empresas Económicas Solidarias; Educación Ambiental Crítica.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AEUP - Projeto Desenvolvimento da Agricultura Urbana e Periurbana na aglomeração urbana do Sul (Municípios de Rio Grande e São José do Norte) através do fortalecimento da produção, comercialização e da agroecologia

APESMI – Associação de Pescadores da Vila São Miguel

APTAFURG – Sindicato dos Servidores ativos, inativos, aposentados e pensionistas dos Técnicos Administrativos em Educação das Instituições Federais de Ensino no Município do Rio Grande/RS

ARV – Associação Recicladora Vitória

CLT – Consolidação das Leis de Trabalho

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CONPES – Congresso de Pesquisadores de Economia Solidária

COOPESMI – Cooperativa de Pescadores e Pescadoras Profissionais Artesanais da Vila São Miguel

COOTRACOM – Cooperativa de Trabalho Comunitário Ltda

DRP – Diagnóstico Rápido Participativo

EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

EES – Empreendimento Econômico Solidário

EPS – Economia Popular Solidária

ES – Economia Solidária

FEAPER – Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento dos Pequenos Estabelecimentos Rurais

FEICOOP – Feira Internacional do Cooperativismo

FURG – Universidade Federal do Rio Grande

GT – Grupo de Trabalho

IE – Instituto de Educação

INEESOL – Incubadora de Empreendimentos de Economia Solidária

INTECOOP – Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares

MDS – Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

MNCR – Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

MTE – Ministério do Trabalho, Emprego e Renda

NEEJAA - Núcleo de Estudos em Educação de Jovens e Adultos e Alfabetização

Nesic /UCPel – Núcleo de Economia Solidária e Incubação de Cooperativas – Universidade Católica de Pelotas

Nesol/IFSUL - Núcleo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão em Economia Solidária e Incubação de Cooperativas e Empreendimentos Populares – Instituto Federal Sul Riograndense

NUDESE – Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico

PAA – Programa de Aquisição de Alimentos

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar

PPGEA – Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental

PROCOAS – Comitê de Processos Cooperativos e Associativos da Associação de Universidades Grupo Montevideu

PROEXT – Programa de Extensão Universitária

SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária

SEURS – Seminário de Extensão Universitária da Região Sul

SLS – São Lourenço do Sul

SMMA – Secretaria Municipal de Meio Ambiente

Tecsol/UFPEL – Núcleo Interdisciplinar de Tecnologias Sociais e Economia Solidária – Universidade Federal de Pelotas

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Empreendimento Econômico Solidário da Pesca Artesanal	38
Figura 2: Empreendimento Econômico Solidário da Agricultura Familiar.	40
Figura 3: Empreendimento Econômico Solidário da reciclagem.....	42
Figura 4: Processo de Alfabetização na Cooperativa Santa Rita.	43
Figura 5: Empreendimento Econômico Solidário do Artesanato.....	45
Figura 6: Empreendimento Econômico Solidário da Gastronomia.....	46
Figura 7: Feira de Economia Solidária em Rio Grande – RS.....	52
Figura 8 - 25ª edição da Feira Internacional do Cooperativismo – FEICOOP.....	53
Figura 9: Encontro Regional dos Grupos de Consumo Responsável	54
Figura 10: 36º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul.	54
Figura 11: Seminário sobre o tema Educação Popular e Economia Solidária.	55
Figura 12 - Curso Cooperativismo Popular e Movimentos Sociais –	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese das entrevistas realizadas. Fonte: Autora.....	23
Quadro 2 – Síntese da Pesquisa realizada. Fonte: Autora.....	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 Trabalho e Educação como Processos de Constituição do Ser Social	25
1.1. Sociedade Capitalista/Modo de Produção Capitalista	25
1.2. O Trabalho na Constituição do Ser Social/Trabalho Alienado - Trabalho Criativo (Ontológico)	27
1.3. A Educação no Processo de Constituição dos Sujeitos: Autonomia e Emancipação no desenvolvimento da autogestão	28
2. O NUDESE-FURG como Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários no Município do Rio Grande	29
2.1. Origens da Economia Popular Solidária	29
2.2. Por que o Popular na Economia Solidária?	31
2.3. História do NUDESE e sua relação com os grupos que avançam no trabalho associado	33
2.4. Fundamentos metodológicos do NUDESE	34
2.5. Quais são os empreendimentos econômicos solidários atendidos pelo NUDESE?	37
2.5.1. Pesca Artesanal	37
2.5.2. Agricultura Familiar de Base Agroecológica	39
2.5.3. Reciclagem	40
2.5.4. Artesanato	44
2.5.5. Alimentação	45
2.6. Os Empreendimentos econômicos solidários incubados, pós-incubados e assistidos pelo NUDESE-FURG	48 <u>47</u>
3. A Formação de Trabalhadores Associados desenvolvida pela INTECOOP-NUDESE-FURG	51 <u>50</u>
3.1. A Constituição de Lideranças de Empreendimentos Econômicos Solidários: Uma análise a partir das lideranças dos empreendimentos de EPS atendidos pelo NUDESE-FURG	60 <u>59</u>
4. Os Limites e Possibilidades da Economia Popular Solidária: Uma análise a partir dos EES atendidos pelo NUDESE	78 <u>76</u>
5. Aproximações entre a Economia Popular Solidária e a Educação Ambiental Crítica: Uma Análise a partir do Processo Formativo dos Trabalhadores de EES atendidos pelo NUDESE-FURG	84 <u>82</u>
5.1. A Educação Ambiental Crítica e a relação com a Economia Popular Solidária	84 <u>82</u>
5.2. Como o processo formativo contribui na aproximação entre a Economia Popular Solidária e a Educação Ambiental Crítica	86 <u>84</u>

CONSIDERAÇÕES FINAIS	<u>9394</u>
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<u>9794</u>
ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	<u>103100</u>

INTRODUÇÃO

O trabalho é a fonte de toda riqueza, afirmam os economistas. Ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que o ser humano converte em riqueza, o trabalho é a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, posso afirmar que o trabalho criou o próprio homem. O homem, ao contrário dos outros animais, modifica a natureza e a obriga a servir-lhe, domina-a, estando aí, em última análise, a diferença essencial entre o homem e os demais animais, diferença que resulta do trabalho (ENGELS,2004).

Conforme Engels (2004), todos os modos de produção que existiram até o presente só procuravam o efeito útil do trabalho em sua forma mais direta e imediata. Não faziam o menor caso das consequências remotas, que só surgem mais tarde e cujos efeitos se manifestam unicamente graças a um processo de repetição e acumulação gradual. Todas as formas mais elevadas de produção que vieram depois conduziram à divisão da população em classes diferentes e, portanto, ao antagonismo entre as classes dominantes e as classes oprimidas. Em consequência, os interesses das classes dominantes converteram-se no elemento propulsor da produção, enquanto esta não se limitava a manter, bem ou mal, a mísera existência dos oprimidos. Isso encontra sua expressão mais acabada no modo de produção capitalista. Os capitalistas que dominam a produção e a troca só podem ocupar-se da utilidade mais imediata de seus atos. Mais ainda: mesmo essa utilidade - porquanto se trata da utilidade da mercadoria produzida ou trocada - passa inteiramente ao segundo plano, aparecendo como único incentivo o lucro obtido na venda.

Dentro desta compreensão do modo de produção capitalista, aponto a globalização como uma forma avançada do capital e de acordo com Adilson Marques Gennari (2011, p. 23), “o que entendemos nos dias atuais por globalização refere-se a fenômenos relativos à reordenação capitalista que foi

sendo desenvolvida com medidas concretas de política econômica, como uma determinada resposta à crise estrutural capitalista da década de 1970”.

Gennari (2011, p. 26) citando Mészáros (1997, p. 152) diz:

O capital necessita expandir-se apesar e em detrimento das condições necessárias para a vida humana, levando aos desastres ecológicos e ao desemprego crônico, isto é, à destruição das condições básicas para a reprodução do metabolismo social. [...] Um sistema de reprodução não pode se autocondenar mais enfaticamente do que quando atinge o ponto em que as pessoas se tornam supérfluas ao seu modo de funcionamento. (MÉSZÁROS *apud* Gennari, 2011, p. 26)

Gennari (2011, p. 26) diz que Mészáros conclui sua análise afirmando que a única alternativa ‘hegemônica à hegemonia do capital é aquilo que Marx chamou de ‘produtores associados’, instaurando a sua própria ordem quando ainda só existem como personificação do trabalho’. Neste sentido,

Mészáros (2002) entende que somente um vasto movimento de massas radical e extra-parlamentar pode ser capaz de destruir o sistema de domínio social do capital e instaurar uma nova ordem sociometabólica na qual se privilegiaria o modo capitalista de controle por meio da autogestão dos produtores associados (GENNARI, 2011, p. 26).

Assim, apesar da dificuldade da Economia Popular Solidária se consolidar como um contraponto à economia capitalista, ela se situa no contexto do trabalho associado, o qual é defendido por Mészáros (1997, 2002), se constituindo em um movimento de “múltiplas combinações e possibilidades. Conforme Benini (2011, p. 71):

É verdade que nada garante, a priori, que tais elementos ou componentes, de cunho mais estrutural, logo, portadores efetivos de novas relações sociais de produção, venham a se constituir plenamente e com a necessária densidade ontológica. Entretanto, é igualmente possível identificar, numa perspectiva dialética, pontos de ruptura ou inovação societal importantes na práxis da Economia Solidária e que, se bem percebidos e compreendidos, podem perfeitamente, dentro de um determinado projeto político, serem recombinações e potencializados. (BENINI, 2011, p. 71)

Neste sentido, é que nesta dissertação de mestrado, o objetivo é *“compreender os processos formativos das lideranças dos empreendimentos de economia popular solidária assistidos pelo NUDESE, a partir de suas práticas sociais e na organização do trabalho associado, buscando-se*

estabelecer as contribuições deste processo ao campo da Educação Ambiental Crítica”.

O NUDESE é um núcleo permanente de extensão da Universidade Federal do Rio Grande que tem por objetivo oferecer apoio a projetos com enfoque na promoção do desenvolvimento através da geração de trabalho e renda. O NUDESE, por meio de sua equipe multidisciplinar, composta por bolsistas, extensionistas e pesquisadores, vem ao longo de quinze anos realizando formações de trabalhadores associados em Economia Popular Solidária. Atualmente vem incubando e/ou assistindo empreendimentos econômicos solidários no município do Rio Grande e São José do Norte (Rio Grande do Sul, Brasil) nas áreas da pesca artesanal, agricultura familiar de cunho agroecológico, reciclagem, artesanato e gastronomia, os quais se encontram em diferentes fases de desenvolvimento.

A justificativa deste trabalho está em contribuir na sistematização do estudo da Economia Popular Solidária e de seus empreendimentos, mostrando que estes existem e são formas alternativas de economia e de luta na sociedade vigente. Justifica-se também em função da pouca existência de trabalhos que buscam trazer a temática da Economia Popular Solidária no campo da Educação Ambiental, embora estejam articulados, não somente em função dos seus princípios e fundamentos, mas também em sua origem e desenvolvimento de luta por uma sociedade de relações humanamente sustentáveis (NOBRE et al., 2018).

Em pesquisa recente no Catálogo de Teses e Dissertações do Portal Capes¹ (janeiro de 2019), pude encontrar apenas duas teses que relacionam Economia Solidária e Educação Ambiental. A tese de Caroline Terra de Oliveira intitulada ***Narrativas e Imagens sobre as águas: educação ambiental, memória e imaginário na pesca artesanal - um encontro com contadores de histórias*** e a tese de Aléssio Almada da Costa, intitulada ***A Educação Ambiental como proposta crítica para práticas emancipatórias de pescadores artesanais: um estudo de caso no estuário da Lagoa dos Patos, extremo Sul do Brasil***, ambas defendidas no ano de 2013 no

¹ <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA-FURG). Esta pesquisa foi realizada selecionando-se o termo “Economia Solidária”² no espaço de busca de dissertações e teses, em qualquer instituição de ensino e em qualquer ano, onde então, refini a pesquisa selecionando a área do conhecimento “Educação” e a área de concentração “Educação Ambiental”, o que retornou às referidas teses.

Trazer a Economia Popular Solidária para a Educação Ambiental Crítica significa trazer para este campo da luta social (movimentos sociais) que tem a categoria trabalho como ponto crucial (NOBRE et al., 2018).

Este trabalho se constitui em um estudo de características qualitativa dialética. A opção pela característica qualitativa dialética da pesquisa recai no fato de compreendermos que o método dialético, ao contrário de outras metodologias, admite que fenômenos materiais são processos e não coisas perfeitas e acabadas, podendo contribuir para a superação da visão imediata e aparente percebida no fenômeno em prol de uma visão mediada da realidade.

A pesquisa que apresentamos neste trabalho está sendo considerada por nós como um estudo de caso, uma vez que entendemos, como Triviños (1987, p. 133), que o estudo de caso é “uma categoria de pesquisa cujo objeto é a unidade que se analisa aprofundadamente” e que, no caso do objetivo proposto neste trabalho, se constitui no estudo das formações de trabalhadores associados dos empreendimentos econômicos solidários incubados, pós incubados e assistidos pelo NUDESE.

A análise a respeito das formações dos trabalhadores associados dos empreendimentos econômicos solidários ligados ao NUDESE está ancorada no referencial teórico adotado, ou seja, o materialismo histórico-dialético, onde “O caráter material do método diz respeito à organização da sociedade para a produção e a reprodução da vida e o caráter histórico busca compreender como se organizou a sociedade através da história” (LOUREIRO *et al.*, 2012). Assim, por meio deste método, procuro desvendar a realidade, ou seja, as formas históricas das relações sociais estabelecidas pela humanidade.

² Utilizo na pesquisa o termo “Economia Solidária” e não “Economia Popular Solidária, termo utilizado nesta pesquisa, pois o primeiro é mais usual, embora, nesta pesquisa, nos propomos a explicar o porquê de utilizarmos o “Popular” na Economia Solidária.

A reflexão teórica proposta aproxima-se da pesquisa do tipo social qualitativa. Segundo Minayo,

A pesquisa qualitativa se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 22).

A pesquisa parte da revisão bibliográfica sobre o tema, bem como da experiência do trabalho que realizamos junto a empreendimentos econômicos solidários, ao longo de dez anos. Esta trajetória junto à FURG tem início quando fui redistribuída de servidora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no ano de 1997 para a FURG. Foi na FURG que me graduei em Administração de Empresas em 2004, o que contribuiu para demarcar ainda mais o meu entendimento sobre o modo de produção capitalista e por qual sociedade gostaria de lutar, isto é, uma sociedade que busque a inclusão socioambiental. Em 2005, iniciei a especialização em Gestão Ambiental em Municípios, também na FURG, onde como trabalho de conclusão pude pesquisar sobre a “A destinação dos resíduos da Fundação Universidade Federal do Rio Grande e a geração de trabalho e renda: Estudo da implantação do Projeto Reciclar é Vida”. O referido projeto era de extensão e buscava implantar a coleta seletiva solidária na Universidade. Seu objetivo era para além da separação, ou seja, buscava a compreensão de que este resíduo, além de ter o destino correto, poderia gerar trabalho e renda para membros de associação de catadores. E foi por intermédio deste Projeto que se iniciou o meu contato com NUDESE e os trabalhadores da economia popular solidária.

Em 2009, assumi a coordenação do NUDESE e pude me envolver ainda mais em diversos projetos de pesquisa e extensão na Economia Popular Solidária (EPS). Desde então fui me constituindo uma militante do movimento de EPS, que ao mesmo tempo em que desempenhava a função de Técnica Administrativa em Educação em uma Universidade Pública ia me envolvendo, descobrindo de forma curiosa os problemas da comunidade atendida e me desafiando a buscar soluções.

Tive oportunidade de me envolver com pautas da pesca artesanal como a defesa do território tradicional de pesca, com o seguro defeso para as pescadoras. Na reciclagem tive a oportunidade de participar do Fórum Lixo e Cidadania que deu origem a várias discussões e destaque aqui a Coleta Seletiva Solidária e o Decreto Federal 5.940/2006, entre outras. Na proposta de agroecologia entender a produção de hortifrútis de uma forma mais integral, compreendendo as dificuldades enfrentadas pelos pequenos produtores e as soluções construídas coletivamente como Organismos de Controle Social - OCS³³ e hortas urbanas.

E assim foi se dando o meu envolvimento com o movimento de EPS e seus Fóruns e suas Redes.

Começo a integrar a Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares – ITCP's, ainda no ano de 2009 e nela percebo que estes movimentos fazem a grande relação que até então estava no meu discurso sindicalista – indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Então o que alimentava a minha utopia, o meu discurso, a minha luta por uma Universidade Pública Gratuita e com referência Social, estava se materializando claramente no meu fazer diário.

Desempenhar minhas funções de Técnica Administrativa em Educação - TAE no NUDESE me permitiu visualizar bem o papel de servidora pública, militante, com fazeres de extensionista e pesquisadora.

Me entender enquanto extensionista foi mais fácil que me entender enquanto pesquisadora, pois muito embora realizasse a reflexão proposta pelo método do NUDESE, vinha aceitando tacitamente um “imaginário construído” que Técnicos Administrativos em Universidades brasileiras não fazem pesquisa. E como nos diz Rosa Luxemburgo (2019) “quem não se movimenta, não sente as correntes que os prendem”

Me movimentei... hoje me entendo assim... Sou uma Técnica Administrativa em Educação que faz ensino, pesquisa e extensão e concorro sim, para a formação de sujeitos capazes de transformar suas realidades.

³³ Regulada pela Lei 10.831 de 30/12/2003 e decreto 6.323 de 27/12/2007

Além da minha experiência junto aos trabalhadores, sujeitos da pesquisa, este trabalho contou também com recursos metodológicos como visitas de campo realizadas em cada um dos empreendimentos, questionários fechados, entrevistas semiestruturadas, acompanhamento sistemático e encontros formativos.

As visitas de campo se deram conforme a necessidade de acompanhamento da prática de atuação trabalhadores dos empreendimentos. Os questionários fechados (apêndice 1) foram elaborados previamente e aplicados a todos os empreendimentos e destinaram-se à caracterização geral do empreendimento, buscando-se aspectos quantitativos e qualitativos dos mesmos. A escolha pelas entrevistas semiestruturadas se deu em virtude delas se constituírem em um apanhado de perguntas básicas que apontam fundamentalmente para o problema investigado. Segundo Triviños:

[...] a entrevista semiestrutura [...] parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (TRIVIÑOS, 1987, p.146).

Assim, com base na construção prévia de um roteiro de entrevista semiestruturada (apêndice 2), foram realizados encontros previamente agendados com as lideranças dos empreendimentos econômicos solidários atendidos pelo NUDESE. O critério de escolha dos sujeitos lideranças se deu com base na relação de experiência que temos com os grupos, baseando-se, portanto, na delimitação de sujeitos que trabalham nas organizações e que de alguma forma se destacam pelo trabalho dentro da lógica da Economia Popular Solidária desempenhado não somente no próprio empreendimento do qual fazem parte, mas que se expandem para a comunidade em geral. Assim, foram escolhidas duas lideranças de cada uma das áreas atendidas pelo NUDESE.

O quadro a seguir demonstra de forma sistematizada os entrevistados.

Empreendimento	Quantidade entrevistados	Data	Entrevistado
COOPESMI	2	03/11/2018	Dois pescadores que ao longo da história da APESMI/COOPESMI lideraram o processo de luta social e de constituição da Associação e da Cooperativa.
ECONORTE	2	18/02/2019	Duas agricultoras que se destacam por buscarem a organização coletiva e a luta pela produção agroecológica
DELÍCIAS SOLIDÁRIAS	2	31/07/2018	Duas mulheres; a mais antiga do grupo e outra que está no grupo a mais de 1 ano e meio. Ambas se destacam pela busca de construção do grupo de forma coletiva e solidária.
REDE DE ARTESANATO	2	19/02/2019	Duas mulheres que vêm desenvolvendo as atividades do artesanato nos últimos anos de formas coletivas, mas que tinham experiências diversas a isto.
COOPERATIVA SANTA RITA	2	21/11/2018	Duas mulheres que lideram as atividades da cooperativa sejam as de organização do trabalho, bem como as condições de organização coletiva.

*Quadro 1: Síntese das entrevistas realizadas
Fonte: Autora*

As entrevistas foram gravadas mediante autorização dos sujeitos da pesquisa, depois transcritas, categorizadas, analisadas, descritas e interpretadas.

A metodologia desta pesquisa consistiu em desenvolver e analisar um processo formativo a partir do acompanhamento sistemático das atividades e do entendimento dos participantes dos cursos registrados por meio da realização de entrevistas.

Para estabelecer as categorias de análise fiz o exercício de responder as perguntas propostas para que, desta forma, pudesse estabelecer o ponto de vista da pesquisadora e, assim, sistematizar minhas vivências como extensionista e por consequência avaliar minha influência nos resultados. Tal procedimento permitiu o levantamento das categorias de análise e me preparou para realizar as entrevistas com os sujeitos da pesquisa

Além das entrevistas, os resultados desta pesquisa se baseiam na prática de acompanhamento sistemático realizado periodicamente pela equipe do NUDESE junto aos trabalhadores dos empreendimentos atendidos, especialmente, com os grupos em fase de incubação, os quais necessitam de um maior auxílio. Essa prática é refletida pela equipe do NUDESE nas periódicas reuniões de trabalho. Também se baseia nos encontros formativos realizados com os trabalhadores dos empreendimentos incubados, os quais se realizam quinzenalmente a partir de pautas pré-estabelecidas nas reuniões anteriores e registro em minutas.

1 Trabalho e Educação como Processos de Constituição do Ser Social

É de conhecimento de todos que a educação praticamente coincide com a própria existência humana, quer dizer, as origens da educação se confundem com as origens do próprio homem. No momento em que um determinado ser natural se destaca da natureza e é obrigado, para existir, a produzir sua própria vida é que ele se constitui propriamente enquanto homem. Diferentemente dos animais, que se adaptam à natureza, os homens têm que fazer o contrário: eles adaptam a natureza a si. O ato de agir sobre a natureza, adaptando-a às necessidades humanas, é o que conhecemos pelo nome de trabalho. Por isto podemos dizer que o trabalho define a essência humana. Portanto, o homem, para continuar existindo, precisa estar continuamente produzindo sua própria existência através do trabalho. Isto faz com que a vida do homem seja determinada pelo modo como ele produz sua existência

1.1. Sociedade Capitalista/Modo de Produção Capitalista

A economia capitalista é predatória, exploradora e desumana. O desemprego é uma destas mazelas que assombram o trabalhador subordinado. Não existe garantia ou estabilidade no emprego, a sua permanência depende dos interesses do patrão, ou seja, se este trabalho assalariado corresponde às expectativas da empresa. O sistema capitalista domina o planeta e esta hegemonia apresenta três graves problemas, de acordo com David Cattani (2000).

Para Cattani (2000), o primeiro grave problema da hegemonia capitalista corresponde à intensificação da sua natureza, ou seja: acumular e acumular, sempre e mais, disciplinando a criatividade humana em processos de trabalho que resultam na espoliação⁴ e na alienação⁵ do trabalhador. O capital concentrado serve de investimento para novos empreendimentos, que

⁴ Privar de algo por fraude ou violência, esbulhar.

⁵ No sentido que lhe é dado por Marx, ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados. (BOTTOMORE, 2013)

exploram e extraem mais-valia⁶ do trabalhador para formar novamente capital recebido. Nesta ciranda, segundo Paul Singer (2002) os ganhadores acumulam vantagens e os perdedores desvantagens nas competições futuras. Essa acumulação pressupõe que a riqueza que era de muitos passa a ser de poucos, assim teremos empresários falidos, trabalhadores desempregados, numa disputa que o sistema impõe através da permanente concorrência.

O segundo grave problema do capitalismo, segundo Cattani (2003), é o imenso fosso das desigualdades, de tal forma que a soma da riqueza de 0,01% da população é equivalente ao que possuem 50% dos habitantes do planeta. Alguns poucos bilionários detêm bens e poderes superiores ao de dezenas e dezenas de nações. Não se vislumbra uma distribuição igualitária da riqueza, resultado da acumulação desenfreada.

O terceiro grave problema identificado pelo autor é a exploração predatória das riquezas naturais, de tal forma que o ar, a água, as florestas estão ameaçadas pela malfadada expansão industrial. As crises econômicas expõem as fragilidades do sistema, que recaem primeiro nos trabalhadores, que ao perderem os seus empregos, perdem também a condição de pagar as prestações do aluguel, hipoteca ou financiamento da casa própria. O resultado são as ações de despejo, o aumento dos moradores de rua ou sem teto, e por consequência, o surgimento de organizações não-governamentais intervindo para minorar este desastre social, uma vez que o Estado nem sempre atende a estes necessitados.

⁶ Segundo Sabbatella (2010) mais-valia corresponde a uma relação social imaterial entre capital e trabalho

1.2. O Trabalho na Constituição do Ser Social/Trabalho Alienado - Trabalho Criativo (Ontológico)

A crise produzida pelo sistema capitalista serve para a manutenção das profundas desigualdades, agora ampliadas entre os hemisférios Norte e Sul, o espectro da destruição de postos de trabalho – síndrome do desemprego estrutural, precarização (flexibilização) do trabalho, vinculada à abolição dos direitos sociais, duramente conquistados pela classe trabalhadora. Segundo Ricardo Antunes:

Este processo dá-se pela conjunção da globalização excludente, que amplia o desigual, e pelo monopólio privado da ciência e tecnologia. A globalização, como mostram vários estudos, na forma que se explica atualmente é, sobretudo, a ruptura das fronteiras dos mercados nacionais pela ferrenha competição na realização (venda) das mercadorias que condensam trabalho social explorado (capital-mercadoria), pela hegemonia do capital financeiro (ANTUNES, 1995, p. 132).

Tentando buscar os conceitos de trabalho alienado, segundo Silva (2017) o trabalho é uma atividade vital para existência humana, mas para que se realize, não há outra possibilidade que não o acesso do homem aos materiais disponíveis na natureza. Com a instituição da propriedade privada e a separação entre capital e trabalho, sem possuir os meios de produção, a classe trabalhadora apenas vende sua força de trabalho ao proprietário dos meios de produção. E o trabalho que antes era considerado meio de constituição do homem como ser genérico, passa a assumir o caráter de trabalho alienado, onde a relação do trabalhador com o produto do seu ofício/esforço é de estranhamento. Já TUMOLO (2005), nos diz:

(...) se o trabalho, numa forma social genérica, é o elemento determinante na constituição do próprio homem, no capitalismo a construção do ser humano, por intermédio do trabalho, dá-se pela sua destruição, sua emancipação efetiva-se pela sua degradação, a afirmação de sua condição de sujeito realiza-se pela negação dessa mesma condição, sua hominização ocorre pela produção da sua reificação. No limite, trata-se da constituição do fetiche do capital – capital que se hominiza reificando as relações sociais e o ser social. (TUMOLO, 2005,239)

O trabalho é o fundamento ontológico-social do ser social. O trabalho que permite o desenvolvimento das mediações que diferencia o ser social e os demais seres da natureza.

1.3. A Educação no Processo de Constituição dos Sujeitos: Autonomia e Emancipação no desenvolvimento da autogestão

Ao discutir emancipação humana, como um dos constituintes da Educação Popular, devo explicitar as ideias em torno do projeto de libertação humana do qual falo. Trato da emancipação humana, na perspectiva do materialismo histórico e dialético, sendo a liberdade uma luta pela humanização e hominização e contra a coisificação.

Emancipar-se só é possível, no contexto de sociedades democráticas, porque é necessário um exercício anterior de noções como liberdade, igualdade, autonomia e desalienação, pois para exercer a emancipação, é necessário viver em sociedade, usufruindo direitos civis, políticos e sociais, nos âmbitos individual e coletivo, o que se desdobra em questões morais e éticas.

Estes temas são abordados de forma transversal em todas as formações realizadas pelo NUDESE, por entender que só será possível atingir a autogestão quando os sujeitos participes dos empreendimentos econômicos solidários atingirem a emancipação humana.

No entanto, em muitas vezes em nossas escritas, falamos de “autogestão parcial”, visto que o processo de emancipação humana é longo e não se conquista ou atinge de forma rápida. Certamente, há diversos impedimentos para que a classe trabalhadora, aqui representada pelos empreendimentos econômicos solidários, atinja a emancipação e conseqüentemente construam seus empreendimentos de forma autogestionária.

2. O NUDESE-FURG como Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários no Município do Rio Grande

2.1. Origens da Economia Popular Solidária⁷

A economia solidária nasce um pouco depois do capitalismo industrial, na segunda metade do século XVIII, como reação ao empobrecimento dos tecelões, substituição destes por máquinas e a própria organização fabril. As jornadas de trabalho eram bastante longas levando os trabalhadores à exaustão. Esta exaustão levava muitas vezes à debilidade extrema e isso baixa enormemente a produtividade dos patrões, para isso, alguns industriais defendiam a criação de leis protecionistas aos trabalhadores, entre eles Robert Owen⁸.

Várias experiências inspiradas em suas proposições aconteceram e o cooperativismo owenista foi assumido, principalmente pelo crescente movimento sindical e cooperativo da classe trabalhadora. A criação destas cooperativas ligadas à luta de classe conduzida pelos sindicatos não reivindicava aos empregadores apenas melhorias de salários e condições de trabalho, mas buscavam substituí-los no mercado, trocando o assalariamento pela autogestão (um dos princípios da economia solidária). Este cooperativismo se apresentava como uma alternativa concreta ao modo de produção capitalista.

Nesta mesma proposta surge a economia solidária, como uma alternativa a este sistema excludente. Ao buscarmos informações históricas podemos notar que a economia social ou economia solidária surge nos mais diversos países sempre ao meio de uma das crises, que revela o fracasso dos modelos baseados na competição e na ditadura dos mercados.

⁷ NOBRE, Lucia; ANELLO, Lucia. **A Educação Ambiental Crítica presente no trabalho do Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico da Universidade Federal do Rio Grande (NUDESE-FURG)**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. Edição especial XIX Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, p. 180-196, junho, 2017.

⁸Robert Owen era proprietário de um imenso complexo têxtil em New Lanark, ele reduziu a jornada de trabalho e proibiu o trabalho de crianças e com isso aumentou enormemente a produtividade.

Com o aprofundamento destas crises geradas pelo sistema capitalista entre os anos 1950 e 1970, o Brasil e a América Latina serviram para manutenção das profundas desigualdades, da destruição de postos de trabalho, da precarização e flexibilização das relações de trabalho, vinculada à abolição dos direitos sociais e ao enfraquecimento da classe trabalhadora.

Na opinião de Singer (2002), a economia solidária busca resgatar os princípios do cooperativismo owenista que resulta no grande valor atribuído à democracia e à igualdade dentro dos empreendimentos, a insistência na autogestão e o repúdio ao assalariamento. Efetivando-se, assim, a ressurreição dos valores e princípios cooperativistas, consolidando a autogestão.

A economia solidária é derivada da necessidade humana, num processo de construção de baixo para cima, portanto, uma construção permanente. Ela significa uma nova expressão do movimento cooperativista frente à nova etapa do capitalismo, caracterizada pelo desemprego estrutural e pela precarização do trabalho, sob a hegemonia da globalização financeira (ROLDÃO, 2004).

Mais que isto, a proposta da economia solidária vem resgatar o trabalho como princípio educativo, o trabalho ontológico, o trabalho criativo, consolidando um movimento social que se contrapõe ao sistema estabelecido.

Assim como nos diz Antunes (2005):

Como criador de valores de uso, coisas úteis, forma de intercâmbio entre o ser social e a natureza, não nos parece plausível conceber, no universo da sociabilidade humana, a extinção do trabalho social em seu sentido (auto) formativo. Se é possível visualizar, para além do capital, a eliminação da sociedade do trabalho abstrato – ação essa naturalmente articulada ao fim da sociedade produtora de mercadorias -, é algo ontologicamente distinto dispor ou conceber o fim do trabalho como atividade útil, como atividade vital, como elemento fundante, protoforma da atividade humana, como lembrou Lukács em sua Ontologia do ser social (ANTUNES, 2005, p.33).

Para Schütz et al (2002), no interior da Economia Popular Solidária, estão se gestando novas referências de ação e de educação, referências capazes de impulsionar novas formas de organização social, podendo constituir espaços privilegiados de desenvolvimento da práxis educativo-libertadora, prática esta que poderá ser libertadora para classe trabalhadora, tendo no trabalho a possibilidade de transformação de toda uma sociedade.

Desta forma, a economia solidária "significa uma nova expressão do movimento cooperativista frente à nova etapa do capitalismo, caracterizada pelo desemprego estrutural e pela precarização do trabalho, sob a hegemonia da globalização financeira". Neste sentido, a radicalização da economia solidária significa a reapropriação daquilo que o capital expropriou dos trabalhadores ao longo da história, valorizando o ser humano sobre o capital (NASCIMENTO, 2005).

2.2. Por que o Popular na Economia Solidária?

No Brasil, mas não só, pode ser dizer que em toda América Latina, tivemos governos neoliberais que, no centro de suas políticas, estava o Estado mínimo; mínimo para saúde, para educação e moradia. Só que este mínimo não era o suficiente para uma população que já estava à margem do mercado formal de trabalho.

Neste íterim é que surge mais fortemente a organização de grupos informais que movimentam uma outra economia, apartada da economia capitalista, muito embora se estabeleça no sistema capitalista, mas atue com outros princípios como o da solidariedade e recebe de acordo com Coraggio (2018) diversas nomenclaturas como "economia social na Argentina; economia solidária no Brasil e economia popular solidária no Equador".

Acabo usando ao longo da pesquisa o termo Economia Popular Solidária, visto que nas discussões que temos com os grupos atendidos pelo NUDESE, este é o termo adotado, com base na II Conferência Estadual de Economia Solidária realizada em 08 de maio de 2010, preparatória para a II Conferência Nacional de Economia Solidária que aconteceu de 16 a 18 de junho de 2010, na qual foi aprovado no estado do Rio Grande do Sul o termo Economia Popular Solidária.

Tentando conceituar Economia Popular podemos dizer que é a economia dos trabalhadores, dos que querem viver do seu trabalho, do trabalho de suas famílias, comunidades e associações. Possuem recursos materiais bastante

limitados e o principal recurso é a força de trabalho de seus membros. Portanto, a unidade elementar organizacional é unidade doméstica, familiar, comunitária que tem como grande objetivo “viver melhor”.

Segundo Coraggio (2018), em sua fala na Conferência de Abertura do II Congresso de Pesquisadores de Economia Solidária – II CONPES, os sujeitos da Economia Popular ou Economia Popular Solidária não são homogêneos, são um conjunto diverso, heterogêneo, contraditório, mas que buscam o desenvolvimento para atingir suas necessidades. Coraggio diz também que a luta por direitos fundamentais se confunde por uma luta pela Economia Popular que é mais inclusiva e solidária, pois a Economia Solidária inclui pessoas que nunca tiveram um trabalho, ou até mesmo, aqueles que o dito “mercado” já excluiu porque sua produtividade baixou devido à idade avançada ou problemas físicos, muitas vezes, causados pelo próprio trabalho exaustivo e alienante.

Coraggio (2018) ainda afirma que a Economia Popular Solidária busca melhores condições de vida para os trabalhadores e trabalhadoras e que sua experiência mostra que a base da economia popular surge de forma organizativa que inclusive aumenta produtividade do trabalho, bem como a criatividade, pois o trabalhador sente-se parte e, assim, o trabalho deixa de ser alienante e passa a ser criativo.

Para Coraggio (2018), para que esta Economia se desenvolva é preciso políticas públicas, mas se não há políticas públicas voltadas à Economia Solidária, há a necessidade de uma luta muito forte e com clareza de que enfrentaremos a hegemonia, pois vivemos em um sistema capitalista e temos governos conservadores.

E o que dizer das políticas públicas para Economia Popular Solidária no Brasil?

Em junho de 2003, o Estado brasileiro reconheceu o processo de transformação social ocasionada pela crise do trabalho desde os anos 80, criando junto ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), a SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária, muito pela organização e pressão dos trabalhadores de livre associação e dos movimentos sociais.

Segundo Singer (2004), a opção pela criação da SENAES, junto ao MTE, foi pelos laços estreitos políticos e ideológicos que ligam a Economia Solidária ao movimento operário. Assim, a SENAES tinha como missão difundir e fomentar a Economia Solidária em todo Brasil, dando apoio político e material às iniciativas do Fórum Brasileiro de Economia Solidária que, por sua vez, descentralizava suas atividades, organizando fóruns estaduais que planejavam os regionais e municipais.

Logo após o Golpe em 2016, a SENAES, já no governo Temer, foi rebaixada a subsecretaria perdendo autonomia, orçamento e capacidade política de negociação. Como era de se esperar pelas propostas liberais apresentadas pelo Presidente da República Jair Bolsonaro, no dia 02 de janeiro de 2019, através da Medida Provisória 870/2019 e o Decreto 9.674/2019, a SENAES foi transferida para o Ministério da Cidadania na condição de um Departamento de Economia Solidária dentro da Secretaria Nacional de Inclusão Social e Produtiva Urbana. Lamentável, mas como dizia o ex-presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, “a luta continua, companheiros”, e os trabalhadores associados não podem vacilar na busca de condições necessárias às suas organizações.

2.3. História do NUDESE e sua relação com os grupos que avançam no trabalho associado

Toda universidade, principalmente a pública, tem compromisso com a sociedade em que está inserida, o que não é diferente com a Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Buscando preparar sólidos conhecimentos capazes de dar dinâmica às organizações, produzindo e transferindo tecnologias, gerenciando com eficiência seus sistemas básicos de ensino, pesquisa e extensão, a Furg realiza projetos que visam o desenvolvimento local e regional sustentável.

Uma dessas experiências teve início em 1994, com o projeto “Trabalho Comunitário”, quando um grupo de servidores da Universidade, sensibilizados

com o desemprego e a proliferação da pobreza, elaborou uma parceria com o Comitê da Cidadania e Combate à Fome, Miséria e pela Vida da Cidade do Rio Grande. O projeto tinha como principal objetivo resgatar a cidadania, oportunizando trabalho remunerado às pessoas desempregadas da periferia do município do Rio Grande. Em 1997, a ação consolidou-se com a fundação da COOTRACOM (Cooperativa de Trabalho Comunitário Ltda), apoiada pela FURG. Tal empreendimento foi assessorado pelo projeto de extensão “Apoio e Assessoria a Grupos de Economia Popular Solidária”, direcionando suas ações para áreas referentes à Economia Popular Solidária, atendendo não apenas cooperativas, mas outras formas de organizações associadas.

Com a eleição em 1998 do Governador Olívio Dutra no estado do Rio Grande do Sul, outras iniciativas como esta começaram a surgir, das quais destacamos o Programa Qualificar RS que foi desenvolvido buscando qualificar mão-de-obra em diversas áreas, projeto Trocas Solidárias, bem como o Programa Extensão Empresarial, que se ocupava em assessorar micro e pequenas empresas, objetivando o desenvolvimento local.

Neste contexto, surgiu em 2003, o Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico – NUDESE, sendo um núcleo permanente que tem como objetivo oferecer apoio a projetos com enfoque na promoção do desenvolvimento através da geração de trabalho e renda. Suas atividades são desenvolvidas a partir de projetos específicos que visam atender cooperativas, micro e pequenas empresas, qualificação dos trabalhadores, ações de combate à fome e novas alternativas de produção e consumo.

Nos últimos oito anos, o NUDESE tem se dedicado exclusivamente a projetos voltados a empreendimentos econômicos solidários.

2.4. Fundamentos metodológicos do NUDESE

Mesmo o NUDESE sendo um núcleo permanente de extensão, toda ação do Núcleo envolve necessariamente atividades de ensino, pesquisa e extensão sendo desenvolvidas por uma equipe interdisciplinar.

O método freiriano da ação-reflexão-ação⁹ possibilita a construção coletiva do conhecimento, que pode ser traduzida como processo reflexivo teórico a partir da prática tanto científica quanto empírica, capaz de provocar novas pesquisas e conhecimentos na construção direta nas comunidades demandantes.

Desta forma, a metodologia utilizada pelo Núcleo é distribuída entre as etapas de: sensibilização, diagnóstico, formação e acompanhamento sistemático a partir dos princípios da Educação Popular.

Durante a etapa da sensibilização busca-se a motivação para o trabalho coletivo, partindo de uma demanda apresentada por algum grupo ou agrupamento.

No diagnóstico (Diagnóstico Rápido e Participativo – DRP)¹⁰ são verificadas as potencialidades e dificuldades enfrentadas pelo grupo, a partir do levantamento de demandas de forma participativa.

Após o diagnóstico, passamos para a formação com a execução de cursos e/ou oficinas de Cooperativismo e Associativismo Autogestionário, além dos cursos técnicos específicos para área de cada empreendimento e na área de Gestão Participativa.

A adoção do acompanhamento sistemático, que é um assessoramento permanente, com a presença de um mediador-consultor diretamente no local de trabalho dos empreendimentos solidários, não diário, mas com frequência estabelecida conforme a necessidade vivida pelo empreendimento, é o que garante a dialética vivida pelos atores envolvidos.

Tudo isto se tem trabalhado na perspectiva da Educação Popular, onde:

A partir de uma crítica feita ao sistema vigente de educação e, especialmente, tradicionais de educação de adultos e de trabalhos agenciados de desenvolvimento de comunidades e suas variantes, a educação popular: 1) constitui passo a passo (“aos tropeços”, dirão

⁹ Ação-Reflexão é expressão recorrente na obra de Paulo Freire. Ela designa o binômio da unidade dialética da práxis, supondo que esta seja o fazer e o saber reflexivo da ação. O saber que realimenta criticamente o fazer, cujo resultado incide novamente sobre o saber e, assim, ambos se refazem continuamente.

¹⁰ VERDEJO, Miguel Expósito Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP. Brasília: MDA / Secretaria da Agricultura Familiar, 2006 Disponível em www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_arquivos_64/Guia_DRP_Parte_1.pdf

os seus críticos) uma nova teoria, não apenas de educação, mas das relações que, considerando-a a partir da cultura, estabelecem novas articulações entre a sua prática e um trabalho político progressivamente popular das trocas entre o homem e a sociedade, e de condições de transformação das estruturas opressoras desta pelo trabalho libertador daquele; 2) fundou não apenas um novo método de trabalho “com o povo” por meio da educação, mas toda uma nova educação libertadora por meio do trabalho do/com o povo sobre ela – este é o sentido em que a educação popular projeta transformar todo o sistema de educação, em todos os seus níveis, como uma educação popular.(BRANDÃO e ASSUMPÇÃO, 2009, p. 28-29).

Cabe salientar que ao longo da história do Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico – NUDESE/FURG - muitas foram as experiências e aprendizados que oportunizaram a reflexão de um trabalho a serviço da comunidade e do verdadeiro papel de uma universidade pública de qualidade e com referência social.

E ao longo da existência deste núcleo nos inspiramos no grande educador que diz:

Para mim o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico[...] É atuando que posso transformar meu anteprojeto em projeto; na minha biblioteca tenho um anteprojeto que se faz projeto por meio da práxis e não por meio do blábláblá (FREIRE, 1980, p. 27-28).

E é esta afirmação de Freire que faz com que o NUDESE comece e recomece suas atividades a cada dia, mesmo enfrentando diversos problemas como: a pouca importância dada para projetos de extensão em uma política nefasta onde cada vez mais é a produtividade que vale. Mas, como todo trabalho de transformação social é longo, não dá resultados imediatos. Mesmo assim, a equipe do NUDESE busca em suas atividades oferecer aos trabalhadores e trabalhadoras instrumentos em que possam ir empoderando-se e interferir de forma clara em suas relações com o mundo do trabalho, permitindo assim, que estes novos atores sociais sejam capazes de propor alternativas para esta sociedade que os exclui a cada dia.

2.5. Quais são os empreendimentos econômicos solidários atendidos pelo NUDESE?¹¹

2.5.1. Pesca Artesanal

A Associação de Pescadores da Vila São Miguel – APESMI - e a Cooperativa de Pescadores e Pescadoras Profissionais Artesanais da Vila São Miguel – COOPESMI - são empreendimentos que se encontram em processo de pós-incubação. A APESMI foi constituída no ano de 2002, com 23 associados, em virtude das grandes dificuldades enfrentadas pelos pescadores artesanais como: pesca predatória, ação do atravessador e legislação ultrapassada.

Teve incentivos pelo programa do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, o RS-Pesca, com apoio da EMATER e da FURG, através do NUDESE. Esse grupo de pescadores começou a participar de cursos, oficinas, seminários e audiências públicas, resultando na formação da referida associação. Em 2004, propuseram um projeto de entreposto que possibilitasse a lavagem e armazenamento do pescado e, desde então, mantiveram uma busca constante de políticas públicas para o setor. Com sua efetiva participação conquistou um assento no Fórum da Lagoa dos Patos.

De acordo com MOURA e LOUREIRO:

O Fórum da Lagoa dos Patos pode ser entendido como um espaço de educação, condizente com os pressupostos da Educação Ambiental Crítica, na medida em que nele pode ser propiciado o desenvolvimento de uma experiência coletiva de diálogo, como palavra que não pode ser privilégio de poucos, pois é no diálogo uns com outros que a consciência crítica sobre a realidade vai tomando forma. Assim, como os Círculos de Cultura que Freire traz como espaços organizativos de diálogo entre os(as) trabalhadores(as), ao Fórum da Lagoa dos Patos cabe a tarefa de, ao planejar suas atividades, direcionar a ação educativa, explicando a relação entre conhecimento gerado e a organização dos oprimidos, ambos meios necessários para a concretização de ações rumo à mudança (MOURA e LOUREIRO apud LOUREIRO e FRANCO, 2012).

¹¹ NOBRE, Lucia; ANELLO, Lucia. **A Educação Ambiental Crítica presente no trabalho do Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico da Universidade Federal do Rio Grande (NUDESE-FURG)**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. Edição especial XIX Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, p. 180-196, junho, 2017.

A APESMI, ao longo destes anos, teve um forte protagonismo nas comunidades tradicionais de pesca, tais como: luta e conquista de moradia para pescadores, auxílio financeiro e alimentício nos períodos de safras fracassadas, além de buscar junto à Capitania dos Portos o acesso para os analfabetos à realização dos cursos que lhes permitiam ter matrícula de pesca, um dos documentos exigidos da profissão.

Em 2009, foi firmado convênio com o Ministério da Pesca e Aquicultura para a conclusão do entreposto em terreno sob o regime de comodato. As obras concluíram-se apenas em 2013, com financiamento do Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento dos Pequenos Estabelecimentos Rurais - FEAPER e patrocínio Petrobras. (Figura 1)



Figura 1: Empreendimento Econômico Solidário da Pesca Artesanal
Fonte: Arquivo do NUDESE

A Associação, juntamente à Incubadora, busca ativamente fontes de recursos que lhes permitam aprimorar o entreposto de beneficiamento de pescado, tais como uniformes e materiais de produção, equipamentos, assistências técnicas, serviços de manutenção e também aumentar seu protagonismo na Comunidade São Miguel (Rio Grande). Com o patrocínio da Petrobras, a APESMI teve a oportunidade de trabalhar a desmistificação do pescado como alimento nas escolas municipais.

De forma a atender à legislação e viabilizar a comercialização do pescado junto a órgãos públicos e outras entidades, foi necessária a criação da COOPESMI no ano de 2012. Desde então, grandes conquistas foram obtidas para o grupo, como a entrega de pescado na merenda escolar da rede municipal e estadual, no Hospital Santa Casa do Rio Grande e a comercialização do peixe em feiras livres da cidade e na Rede de consumidores Bem da Terra.

Além da assessoria à APESMI e COOPESMI, o NUDESE-FURG no segmento da pesca artesanal vem atuando também no Fórum da Lagoa dos Patos, possuindo assento junto à Coordenação do mesmo enquanto secretaria executiva, prestando auxílio nas reuniões, redação de atas e ofícios e apoio técnico especializado, quando necessário. O Fórum da Lagoa dos Patos foi criado em 1996, como espaço de formulação e mediação de conflitos que buscam a democratização das ações de fiscalização e controle para a gestão dos recursos pesqueiros (MOURA et al., 2013; MOURA e LOUREIRO, 2015).

2.5.2. Agricultura Familiar de Base Agroecológica

O Grupo ECONORTE tem sua gênese no ano de 2009, com o fomento dado pelo projeto Desenvolvimento da Agricultura Urbana e Periurbana na aglomeração urbana do Sul (Municípios de Rio Grande e São José do Norte) através do fortalecimento da produção, comercialização e da agroecologia – AEUP, financiado pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS, executado pelo NUDESE. Tinha como objetivo potencializar a transição da agricultura familiar de cultivo tradicional para a orgânica e disponibilizar espaços de comercialização direto ao consumidor. (Figura 2)



*Figura 2: Empreendimento Econômico Solidário da Agricultura Familiar.
Fonte: Arquivo do NUDESE*

Neste projeto, além de formações específicas sobre agroecologia, foram realizadas formações em economia popular solidária, bem como aquisição de alguns materiais para o início do cultivo numa proposta de transição.

Como desfecho das formações em economia popular solidária foi constituído e formalizado um grupo com um regimento que regula suas ações. Estes agricultores começaram a realizar feiras semanais todas as sextas no centro de São José do Norte.

Com a conclusão do referido projeto e conseqüente limitação de recursos, e o estágio avançado da organização do grupo, o NUDESE atende apenas questões específicas e pontuais, semelhante ao que ocorre com o grupo da pesca. Consideramos que o grupo ECONORTE está em fase de pós-incubação.

2.5.3. Reciclagem

O programa Reciclar é Vida tem como finalidade a geração de trabalho e renda a partir da segregação dos resíduos sólidos da Universidade. Tendo início em 2006, com o apoio da Incubadora e financiamento do PROEXT, o programa recebe da Universidade os resíduos provenientes da coleta seletiva,

tendo como destino a Associação Recicladora Vitória - ARV, localizada na Vila da Quinta (Rio Grande - RS). Atualmente a ARV continua recebendo a coleta seletiva da FURG e possui uma estrutura mínima adquirida pelo programa em 2006.

Outra intenção desta ação na época foi o incentivo à constituição de um grupo que beneficiasse o papel, agregando valor ao produto e, mais que isto, buscando o resgate da cidadania e a valorização do trabalho cooperado. O grupo constituído para o beneficiamento do papel atua em sede dentro da Universidade e destina sua produção para diversos meios de comercialização: feira de artesanato do Centro de Convivência, Armazém de Economia Popular Solidária, feiras da cidade e encomendas.

Em 2015, teve início o Projeto Catador em Ação, projeto de apoio, formação e assessoramento a quatro Associações e uma Cooperativa de recicladores, financiado pela Prefeitura Municipal do Rio Grande, através da Secretaria Municipal de Meio Ambiente - SMMA, realizado em parceria com o NUDESE/FURG.

Além disso, na área da reciclagem, o NUDESE vem atuando junto à Cooperativa de Recicladores Santa Rita, a qual teve sua origem no ano de 2012, quando a Prefeitura Municipal do Rio Grande foi notificada pelo Ministério Público para a desativação do antigo lixão da Cidade. Neste lugar havia diversos(as) catadores(as) que autonomamente tiravam dali o seu sustento.

O antigo lixão foi desativado e ali foi criada uma Estação de Transbordo, onde o lixo recolhido na Cidade através de caminhões era despejado em uma plataforma, pela qual passava em uma esteira que permitia tirar alguns materiais reciclados e para ser, posteriormente, o rejeito, encaminhado em carretas até o Aterro Municipal. Com a organização popular que havia na época, nos bairros do entorno ao lixão, foi constituído um grupo de cerca de cinquenta pessoas, em sua maioria mulheres, que começaram a trabalhar na triagem do lixo da Estação de Transbordo. Os equipamentos para o trabalho foram fornecidos pela empresa que gerenciava o novo aterro sanitário e os(as) trabalhadores(as) da cooperativa, que ainda não estava regularizada, selecionavam os resíduos que passavam pela esteira. (Figura 3)



Figura 3: Empreendimento Econômico Solidário da reciclagem.
Fonte: Arquivo do NUDESE

Na época, foi constituído um estatuto, mas devido à falta de orientação sobre como proceder, este registro da cooperativa só se efetivou no ano de 2017, quando a Cooperativa Santa Rita passou a ser assessorada pelo NUDESE, através do Projeto Catador em Ação.

No momento de organização da documentação do empreendimento a ser submetida à Junta Comercial para a regularização da mesma, os consultores do NUDESE perceberam um alto índice de analfabetismo entre os(as) cooperados(as). Diante disso, o NUDESE em parceria com o Núcleo de Estudos em Educação de Jovens e Adultos e Alfabetização (NEEJAA-FURG) deu início a uma parceria que almeja um processo de alfabetização, por meio do Projeto Alfabetização de Trabalhadores: Separando Coisas, Compreendendo a Leitura e a Escrita, coordenado pela Professora Dra. Sabrina das Neves Barreto (Instituto de Educação da FURG) que tem atuado junto a Cooperativa desde agosto de 2017. (Figura 4)



Figura 4: Processo de Alfabetização na Cooperativa Santa Rita.
Fonte: Arquivo do NUDESE

A aproximação entre o NUDESE e a Cooperativa Santa Rita permitiu uma formação inicial destes(as) trabalhadores(as), bem como uma intervenção junto aos responsáveis pela gestão municipal dos resíduos. Então, foi formado um Grupo de Trabalho (GT) para pensar a melhoria das condições de trabalho da cooperativa e, assim, ampliar a atuação destes no Programa Rio Grande tem Coleta Seletiva Solidária.

O referido GT foi composto pelas Secretarias Municipais de Controle e Serviços Urbanos, Meio Ambiente, Gestão de Projetos, Emprego e Renda e, Assistência Social, além de membros do NUDESE e da Cooperativa Santa Rita. Derivado deste esforço, já ocorreu a mudança de local da Cooperativa para um prédio alugado e cedido pela Prefeitura Municipal através de um acordo de cooperação.

O NUDESE tem dado o suporte na organização documental e fiscal e já diagnosticou que necessita ser trabalhado o fluxo produtivo para que os(as) cooperados(as) possam obter uma melhor produtividade, sem esquecer jamais a questão da saúde do(a) trabalhador(a). Assim, embora o NUDESE realize a assistência à Cooperativa de Reciclagem Santa Rita por não ter participado da formação de sua constituição inicial em 2012 e, portanto, não ter participado de sua incubação.

A atual conjuntura do trabalho que vem sendo prestada pelo Núcleo à Cooperativa, como a regularização de documentos, a elaboração de um novo estatuto, sua atuação para mudança de prédio e do desenvolvimento do Projeto de Alfabetização na Cooperativa, tem se configurado em atividades que se assemelham ao que chamaríamos de incubação, pois o NUDESE não tem apenas assistido, mas participado ativamente da regularização e constituição legal do empreendimento, das formações dos(as) trabalhadores(as), da mudança para um novo local de trabalho com condições dignas para os(as) catadores(as) e, também, com o desenvolvimento da cidadania destes(as) trabalhadores(as), por meio da possibilidade de estudarem em um espaço organizado dentro da própria Cooperativa.

Desta forma, pode-se dizer que no atual estágio de atuação do NUDESE junto à Cooperativa de Recicladores Santa Rita, esta tem deixado de ser apenas assessorada, pois na prática tem sido incubada pelo Núcleo, tendo em vista que por meio desta recente atuação do NUDESE junto à Cooperativa, vem se constituindo um “novo” empreendimento, com nova estrutura física e relações de trabalho, pautadas na Educação Popular e na Economia Solidária que visam à emancipação humana, por se pautarem no protagonismo, e à participação política de trabalhadores(as) na transformação das relações de exploração, dominação e opressão.

2.5.4. Artesanato

As ações do NUDESE neste segmento tiveram início com incentivo à participação em feiras e outros eventos e, posteriormente, quando integrantes dos grupos de artesanato vinculados ao Fórum Microrregional de Economia Popular Solidária tiveram necessidade de qualificação e fortalecimento do seu trabalho para tentar vencer a situação de vulnerabilidade social. Para atender esta demanda foi desenvolvido o Projeto Linhas e Letras em duas etapas que previa a capacitação dos artesãos nas áreas de corte e costura, pintura e tingimento, planejamento e marketing, bem como os temas relacionados à Economia Popular Solidária. (Figura 5)



Figura 5: Empreendimento Econômico Solidário do Artesanato.
Fonte: Arquivo do NUDESE

O projeto Linhas e Letras permitiu que várias pessoas e grupos se aproximassem da Incubadora com a intenção de trabalhar de forma coletiva e com os princípios da Economia Popular Solidária. Atualmente, no segmento Artesanato, tem-se trabalhado com a incubação de um grupo informal de cinco mulheres que produzem individualmente e comercializam coletivamente seus produtos.

2.5.5. Alimentação

O trabalho com a gastronomia teve início em 2009 com a criação do Grupo Deguste que tinha seu trabalho voltado à perspectiva da Economia Popular Solidária, se definindo em iniciativas populares de geração de trabalho e renda baseadas na livre associação de trabalhadores e nos princípios de autogestão e cooperação. O trabalho teve sua maior divulgação durante a 37ª Feira do Livro da FURG, janeiro de 2010, evento de abrangência regional, realizado na praia do Cassino, onde as integrantes puderam comercializar seus lanches para todo o público da Feira. A partir daí o grupo começou a consolidar

seu espaço dentro da Universidade sendo conhecido em eventos, congressos e seminários sediados pela FURG.

O trabalho na configuração do Grupo Deguste acabou se desfazendo, em virtude do falecimento de uma das integrantes e aposentadoria de outra, o que impediu a continuidade daquele coletivo, porém a proposta se transformou em outro grupo, denominado Delícias Solidárias, pautado nos mesmos princípios de trabalho com a EPS. Essa nova proposta também teve oportunidade de comercializar nas outras edições da Feira do Livro da FURG, bem como conveniar espaços da Universidade. (Figura 6)



Figura 6: Empreendimento Econômico Solidário da Gastronomia.
Fonte: Arquivo NUDESE

No segundo semestre do ano de 2016, o NUDESE criou o Grupo de Consumidores Responsáveis do Armazém de Economia Popular Solidária que são iniciativas “caracterizadas por um processo social de resistência às práticas convencionais de produção, comercialização, abastecimento e consumo, com motivações que transcendem a esfera individual, carregando múltiplos interesses e dimensões racionais e subjetivas” (MASCARENHAS et al., 2014, p. 04 *apud* MOURA et al., 2017). São, portanto, baseadas em critérios éticos, políticos, sociais e ambientais.

O Grupo de Consumidores Responsáveis do Armazém de Economia Popular Solidária:

[...] dispõe de uma Feira Virtual onde, atualmente, 57 consumidores adquirem produtos oriundos de empreendimentos econômicos solidários como, artesanatos, pescados, produtos orgânicos: hortifrutigranjeiros, sucos, laticínios, grãos e cereais, entre outros. As encomendas são realizadas pelos consumidores entre segunda e quinta-feira de cada semana através da plataforma virtual cirandas.net e a separação e entrega dos produtos acontece às sextas e sábados na sede do Armazém (MOURA et al., 2017).

A agroecologia propõe um resgate de saberes das agricultoras e dos agricultores e a sua conexão com conhecimentos científicos para uma agricultura ecologicamente sustentável, socialmente justa e economicamente viável. Cada vez mais pessoas procuram alimentos produzidos de forma ecológica e solidária, sem exploração da natureza nem das famílias do campo. Para tanto, faz-se urgente, ainda mais, difundir esta ideia construindo uma proposta de um manejo sustentável das riquezas naturais. Entendendo essa necessidade, em 2012, o NUDESE articulou a criação de uma feira agroecológica, que desde então, ocorre todas as quartas-feiras, no Campus Carreiros da Universidade.

Em 2014, outro projeto desenvolvido pelo NUDESE, através de um convênio entre FURG e Prefeitura Municipal do Rio Grande, possibilitou também a inserção do pescado na feira agroecológica da Universidade e nas principais feiras da cidade. Tal projeto visa oportunizar a comercialização do pescado, fortalecendo a cadeia produtiva local, oferecendo à comunidade riograndina um produto saudável e de qualidade, com preço justo e solidário. O caminhão feira é operado pela Associação de Pescadores da Vila São Miguel - APESMI.

2.6. Os Empreendimentos econômicos solidários incubados, pós-incubados e assistidos pelo NUDESE-FURG¹²

Cada empreendimento se encontra em diferente fase de desenvolvimento. Neste sentido, poderíamos dizer que alguns encontram-se em fase de incubação, outros em pós-incubação e outros são apenas assistidos.

Em fase de incubação, encontram-se aqueles que estão desde o início de sua constituição junto ao NUDESE. O seu desenvolvimento, necessita ainda de formação e assessoramento em princípios e fundamentos da economia solidária, bem como dos mecanismos necessários ao estabelecimento e planejamento de negócios. Conforme o Manual de Economia Solidária, elaborado pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul (2017, p. 15):

[...] o Processo de Incubação de Empreendimentos Econômico Solidários compreende um conjunto de atividades sistemáticas de formação e assessoria que percorrem desde o surgimento do Empreendimento Econômico Solidário até sua consolidação e que busca, através da troca de conhecimentos, fazer com que o Empreendimento, no fim do processo, conquiste autonomia organizativa e viabilidade econômica.

Encontram-se nesta fase os empreendimentos ligados à gastronomia e à rede de artesanato. Com estes grupos, as atividades de formação são desenvolvidas de forma dialógica e continuada; estruturadas em uma agenda de reuniões técnicas quinzenais, que compreende não só uma reunião prévia da equipe de trabalho para organização das temáticas com enfoque nas demandas dos trabalhadores e do material a serem utilizados nas formações, bem como as reuniões com os trabalhadores para a realização das formações propriamente ditas.

Na fase de pós-incubação, encontram-se os empreendimentos ligados à pesca e à agricultura familiar de base agroecológica que após passar pelo

¹² MOURA, D.V.; NOBRE, L.; ANELLO, L.; PERIUS, D. B.; BRAGA, M.A.M. **Formação de Trabalhadores Associados: A Experiência do NUDESE na INTECOOP-FURG em empreendimentos econômicos solidários no município do Rio Grande-RS-Brasil**. XIV Seminário Internacional Procoas. Córdoba, Argentina, 2018.

período de incubação ainda necessitam de alguns assessoramentos técnicos, bem como pontuais formações já que entendemos o processo formativo em economia solidária como algo contínuo e permanente para que estes empreendimentos tenham autonomia e lhes seja garantido o fortalecimento da cidadania. Assim:

O processo de pós-incubação/desincubação se constitui em ações pontuais, ligadas as demandas e necessidades do grupo. Este momento se remete a um “desvínculo” da incubadora, tornando o empreendimento autônomo, não dependendo mais do apoio incondicional da equipe técnica. Muitas incubadoras apontam que este processo é um dos mais difíceis, pois muitos grupos acabam se tornando dependentes do trabalho realizado cotidianamente no decorrer da incubação (GOERCK et al, 2013).

Quanto à assistência técnica para empreendimentos de economia solidária, esta:

[...] deve possuir como horizonte o fortalecimento dos empreendimentos, tanto através da apropriação de conhecimentos técnicos quanto pelo aperfeiçoamento dos processos de autogestão, da gestão democrática e da participação dos trabalhadores associados no interior das unidades de produção, comercialização, consumo e finanças solidárias, bem como favorecer a construção de redes de cooperação e cadeias solidárias (Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2017, p. 15).

No que diz respeito à fase de assistência temos os empreendimentos ligados à reciclagem, pois estes não estão desde sua constituição junto ao NUDESE, ou seja, não foram incubados em sua origem pela INTECOOP, mas como são empreendimentos que estão dentro da linha de trabalho associado ligado aos princípios da economia solidária, têm sido assistidos pela Incubadora, tendo em vista o suprimento de suas necessidades quanto à assistência técnica, especialmente no que se refere à documentação, aspectos jurídicos, ambientais e de contabilidade. Embora, atualmente, em virtude da conjuntura que se apresenta a Cooperativa de Recicladores Santa Rita, que se encontra em novo prédio, com equipamentos novos, com um número maior de trabalhadores e com a necessidade de rever seu Estatuto, haja, talvez a necessidade de se pensar não mais apenas em assistência à Cooperativa e, sim, sua incubação de fato.

Neste sentido, o assessoramento por parte da INTECOOP é feito tanto com os grupos incubados, pós-incubados quanto assistidos de modo que estes

grupos consigam manter e estabilizar seus negócios. É claro que a intensidade do assessoramento vai diminuindo conforme o amadurecimento dos trabalhadores quanto à gestão dos aspectos burocráticos e administrativos de seus empreendimentos.

Desse modo, a formação dos trabalhadores dos empreendimentos pós-incubados e assessorados tem outro enfoque que não o mesmo dos empreendimentos que estão em fase de incubação. Suas formações ainda que relembrem os fundamentos da economia solidária, se dirigem mais às questões de assessoria técnica conforme demanda destes grupos. Tem-se focado assim, em oferecer curso de capacitação nas áreas técnicas de gestão (custos, planejamento estratégico e processo de comercialização).

3. A Formação de Trabalhadores Associados desenvolvida pela INTECOOP-NUDESE-FURG¹³

A equipe de trabalho do NUDESE tem em vista o aspecto prático e teórico dos bolsistas, extensionistas e pesquisadores, de modo que estes conheçam a realidade dos empreendimentos e de seus trabalhadores; bem como possuam conhecimento teórico necessário para o planejamento das ações considerando os objetivos, metas e resultados esperados, assim como a análise, avaliação, monitoramento e sistematização daquilo que foi projetado.

O desenvolvimento das formações dos trabalhadores associados vem sendo realizado ao longo da existência do NUDESE e, mais especificamente pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (INTECOOP-FURG) nos anos de 2004, 2007, 2010, 2011, 2016 e 2018. Essas formações compreendem a incubação de empreendimentos econômicos solidários nas áreas da pesca artesanal, agricultura familiar de produção orgânica, gastronomia, reciclagem e artesanato. Cada empreendimento se encontra em diferente fase de desenvolvimento. Neste sentido, poderíamos dizer que alguns encontram-se em fase de incubação, outros em pós-incubação e outros são apenas assistidos.

A equipe do NUDESE se reúne bimestralmente com o objetivo de planejar e avaliar o desenvolvimento do Projeto *Autogestão e Formação de Lideranças: Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares*, sobretudo no que diz respeito aos processos formativos com os trabalhadores dos empreendimentos incubados, pós-incubados ou assessorados pela INTECOOP. Essas reuniões contam com o envolvimento dos coordenadores, bolsistas, extensionistas e os

¹³ MOURA, D.V.; NOBRE, L.; ANELLO, L.; PERIUS, D. B.; BRAGA, M.A.M. **Formação de Trabalhadores Associados: A Experiência do NUDESE na INTECOOP-FURG em empreendimentos econômicos solidários no município do Rio Grande-RS-Brasil.** XIV Seminário Internacional Procoas. Córdoba, Argentina, 2018.

trabalhadores dos empreendimentos, se constituindo num espaço formativo aos trabalhadores associados.

Além disso, tem-se buscado o fortalecimento do trabalho em rede por meio da participação nas atividades dos fóruns de economia solidária, Fórum da Lagoa dos Patos especificamente para o empreendimento ligado à pesca artesanal e Rede Nacional de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares. Acreditamos que a formação de trabalhadores associados em economia popular solidária precisa criar mecanismos que estimulem a união e organização de trabalhadores que seguem estes princípios, com vistas ao seu fortalecimento, de seus empreendimentos e da Economia Popular Solidária.

Desta forma, os empreendimentos de gastronomia e artesanato, ambos em fase de incubação, participaram no dia 09/05/2018 da *Feira de Economia Solidária* realizada em Rio Grande, evento organizado pelo Fórum Municipal de Economia Solidária. (Figura 7)



Figura 7: Feira de Economia Solidária em Rio Grande – RS
Fonte: Arquivo do NUDESE

Participaram também da 25ª edição da *Feira Internacional do Cooperativismo*, a FEICOOP, que aconteceu de 12 a 15/07/2018 em Santa Maria-RS. A FEICOOP é a maior feira de economia solidária da América Latina

se constituindo em um grande espaço de articulação, debate, troca de ideias, experiências de comercialização solidária direta dos empreendimentos da Economia Solidária, da agricultura familiar camponesa, das agroindústrias familiares, dos catadores e catadoras, povos indígenas e dos trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade, por meio da metodologia autogestionária e na construção de um outro mundo e de uma outra economia possíveis¹⁴. (Figura 8)



Figura 8 - 25ª edição da Feira Internacional do Cooperativismo – FEICOOP
Fonte: Arquivo do NUDESE

Outro evento em que estiveram presentes foi no *Encontro Regional dos Grupos de Consumo Responsável*, realizado no dia 11/08/2018, com a organização do Projeto Rizoma (Tecsol-UFPel, Nesic-UCPel e Nesol-IFSul), Associação de Consumidores da Rede Bem da Terra e Armazém de Economia Popular Solidária de Rio Grande (NUDESE-FURG). O objetivo do encontro foi reunir um conjunto de organizações vinculadas ao consumo responsável e ao comércio justo para estruturar iniciativas comuns, associativas, que permitam facilitar e potencializar o desenvolvimento de cada um dos coletivos. (Figura 9)

¹⁴ Fonte: <http://www.unisolbrasil.org.br/25a-feicoop-esta-com-inscricoes-abertas/>



Figura 9: Encontro Regional dos Grupos de Consumo Responsável
Fonte: Arquivo do NUDESE

Puderam também participar do 36º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul, realizado nos dias 28 a 31/08/2018, na UFRGS, em Porto Alegre, onde expuseram seus trabalhos no estande da FURG na Mostra Interativa que aconteceu aí. Também neste evento, uma trabalhadora da rede de artesanato pôde ministrar uma oficina de costuraria.(Figura 10)



Figura 10: 36º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul.
Fonte: Arquivo do NUDESE

Todas estas possibilidades de participações em eventos se constituíram em espaços de conhecimento e trocas de experiências, sendo, portanto, espaços em que ocorreu a formação de trabalhadores associados em economia solidária.

Essa formação realizada pela INTECOOP-FURG compreendeu também a realização de um Seminário sobre o tema *Educação Popular e Economia Solidária*, o qual foi realizado em 18/08/2018 na FURG-Campus de São Lourenço do Sul - RS e contou com a presença dos trabalhadores dos empreendimentos econômicos solidários incubados, pós-incubados e assistidos pela INTECOOP. (Figura 11)



Figura 11: Seminário sobre o tema *Educação Popular e Economia Solidária*.
Fonte: Arquivo do NUDESE

Neste seminário, tivemos a participação da Professora Dra. Maria Odete da Rosa Pereira (IE-FURG-SLS), tratando do tema *Educação Popular e Economia Solidária*, que apresentou o que é a Educação Popular, tendo como referencial teórico o educador Paulo Freire, e contextualizou essa educação com o trabalho de formação desenvolvido pela INTECOOP-NUDESE-FURG.

Tivemos também a participação do Grupo Maria Mene¹⁵ - Grupo de Mulheres Negras e Movimento de Consciência Negra de SLS - que apresentou

¹⁵ O nome Mene, em Yorubá da Nigéria, significa “a que nunca está só”, e representa a união e o fortalecimento do movimento no município.

suas lutas e experiências com artesanato dentro da lógica da economia popular solidária.

Outra convidada foi a Professora Dra. Sabrina Barreto (IE-FURG-Carreiros), a qual relatou a sua experiência na *Alfabetização de Jovens e Adultos da Cooperativa de Reciclagem Santa Rita (Rio Grande-RS-Brasil)*, projeto que surgiu em 2016, a partir de uma necessidade apontada pela equipe do NUDESE que ao estar assessorando a Cooperativa na regularização de sua documentação, verificou que alguns trabalhadores não sabiam ou tinham dificuldade em assinar seu nome. Diante da angústia destes trabalhadores em poder participar do processo de constituição do estatuto da cooperativa, surgiu a ideia da alfabetização, tendo em vista a importância desta no processo de humanização, pois ela possibilita que os trabalhadores possam ler e compreender o que assinam, o que recebem e, como destacado pela presidente da Cooperativa, presente no Curso, esta serve também para que os pais e mães possam estar ajudando os filhos com as tarefas escolares. Ela também destacou a importância desta alfabetização ser realizada na Cooperativa, já que o empreendimento é composto majoritariamente por mulheres que não teriam outro tempo disponível para se alfabetizar porque quando não estão trabalhando, estão cuidando dos filhos e, há casos em que dificilmente os companheiros as deixariam estudar. Então, a alfabetização se dá em horário do trabalho na reciclagem, o que demonstra efetivamente a solidariedade entre os trabalhadores de empreendimentos nesta lógica.

Na semana seguinte ao Seminário, teve início a realização de um curso de 40 horas voltado à comunidade universitária (docentes, técnicos e estudantes), integrantes dos movimentos sociais, grupos e associações comunitárias, sobre o tema *Cooperativismo Popular e Movimentos Sociais* a ser realizado entre os meses de agosto a novembro de 2018, também no Campus da FURG-SLS. (Figura 12)



Figura 1242 - Curso Cooperativismo Popular e Movimentos Sociais –
Fonte: Arquivo do NUDESE

Neste curso de extensão, organizado em três módulos, os participantes, tiveram à disposição dois palestrantes em cada dia de encontro presencial. O primeiro de cada dia; um(a) professor(a) de uma instituição de ensino superior, que tratou da temática proposta no curso, do ponto de vista teórico. Em seguida, o segundo membro de organização ou movimento social de trabalhadores, dando continuidade ao tema, do ponto de vista prático, ou seja, mostrando na realidade cotidiana, como aquela teoria funciona nos empreendimentos econômicos solidários.

Essa sistemática de organização compreende a ideia de que os processos educativos, como as formações de trabalhadores associados de economia popular solidária, além de intencionais e dialógicas, são teóricas, ao exigir que conhecimentos e conceitos sejam produzidos e socializados, e são práticas, pois o que aprendemos e conhecemos serve em primeiro lugar para possibilitar que atendamos a uma necessidade que temos. A indissociabilidade teoria-prática se dá em um movimento no qual a teoria nega a prática enquanto prática imediata, isto é, nega a prática como um fato dado para revelá-la em suas mediações como práxis social, ou seja, como atividade socialmente produzida e produtora da existência social (MOURA, 2016).

Deste modo, no Módulo I – *O Mundo do Trabalho na Sociedade Capitalista e a Contra-Hegemonia do Movimento de Organização dos Trabalhadores*, a primeira palestrante Darlene Cabrera tratou do tema *O Mundo do Trabalho na Sociedade Capitalista*, com o objetivo de levar os participantes a refletir sobre as relações de trabalho no modo de produção capitalista e o papel do Estado na manutenção desta hegemonia.

Dando seguimento à sua fala, tivemos a participação de Alex Cardoso do Movimento Nacional dos Catadores – MNCR, tratando do tema *A Contra-Hegemonia do Movimento de Organização dos Trabalhadores*, cujo objetivo era compreender a historicidade das lutas dos trabalhadores e suas formas de organização coletiva, trazendo, assim, a discussão sobre a importância do trabalho na ontologia do ser social. Dentro desta temática, Alex trabalhou os temas da história da luta dos trabalhadores; a organização de classe e movimentos sociais de trabalhadores; a organização de trabalhadores diante da precarização do trabalho na sociedade capitalista (as diferentes formas de organizações).

No Módulo II – *Trabalho Associado e Economia Popular Solidária*, ocorrido em 01/09/2018, o objetivo foi compreender os fundamentos do trabalho associado como alternativa à produção e reprodução social e econômica. Neste módulo, tivemos a participação do Professor Dr. Antônio Cruz da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e pesquisador/extensionista do TECSOL, que tratou do tema *A Economia Popular Solidária como contraponto à economia dominante*. Neste ponto, o Professor dialogou com os participantes do curso sobre a formação dos empreendimentos econômicos solidários, o que ela representa nesta sociedade, as dificuldades que as mesmas apresentam, as diferentes formas de trabalho associado (associações, cooperativas, redes, banco de tempo, banco comunitário, empresas recuperadas etc.).

Dando continuidade ao Módulo II, a palestrante, Nelsa Nespolo, presidente da Cooperativa Justa Trama e ex-diretora do Departamento de Fomento e Incentivo à Economia Solidária do RS, tratou da experiência bem-sucedida do trabalho associado nesta Cooperativa, mostrando que apesar do histórico de dificuldades e luta, a economia popular solidária é possível.

Perpassou também o estado da arte das políticas públicas em economia solidária no Rio Grande do Sul.

No Módulo III intitulado *A Economia Solidária e o papel da FURG no seu fomento*, ocorrido no dia 15/09/2018, foi com a participação de um representante de cada grupo atendido pelas incubadoras INTECOOP-FURG e INEESOL-FURG-SLS, os quais apresentaram a história dos empreendimentos econômicos solidários do qual fazem parte e o trabalho que neles é desenvolvido, suas dificuldades e potencialidades. Em seguida, as representantes da INTECOOP-FURG e da INEESOL-FURG-SLS fizeram as articulações com projetos de extensão e pesquisa já existente, bem como levantamento de demandas para outros projetos, a partir do que os grupos apresentaram previamente.

E, ainda teremos um Seminário de Encerramento do projeto, com programação a ser desenvolvida a partir das demandas suscitadas durante o curso.

A descrição das atividades desenvolvidas no Seminário e no Curso se deu em função de que estes se constituíram em espaços de troca de experiências e aprendizagens desde o debate de que a sociedade capitalista não existiu sempre, mas se formou a partir de um longo processo de transformação das relações entre os seres humanos e a natureza em sua totalidade; a desmistificação das relações de trabalho sob a lógica do capital; a economia popular solidária como alternativa de manutenção da existência dos trabalhadores marginalizados pela exploração do trabalho nesta sociedade; as dificuldades e sucessos desses empreendimentos a partir de casos concretos e; a necessidade de organização da classe trabalhadora para superação de tudo aquilo que nos torna menos humanos e mais mercadoria.

Além dos encontros presenciais, o Curso conta com atividades virtuais na plataforma Moodle FURG. Assim, a atividade virtual relativa ao primeiro encontro presencial foi para que os cursistas a partir do conteúdo do vídeo "A Sociedade e os modos de produção" e das palestras ministradas presencialmente por Darlene e Alex no módulo 1, escrevam ou gravem um áudio, sobre o que compreenderam sobre o modo de produção capitalista e o porquê da necessidade da organização de trabalhadores no desenvolvimento

de alternativas à esta realidade (como é o caso da economia solidária). Optamos por este tipo de atividade porque havia no curso diversos níveis de escolaridade desde cursistas que estão em processo de alfabetização até alunos de pós-graduação. Num primeiro momento parece estranho juntar em um único curso esta diversidade toda, não quer se dizer que foi fácil, mas foi extremamente rico e gratificante o nível de trocas que obtivemos.

A atividade virtual relativa ao segundo encontro presencial consiste em assistir ao filme *Pioneiros de Rochdale*. O filme conta a história da primeira cooperativa do mundo criada em 1844 por 28 operários, em sua maioria tecelões, no bairro de Rochdale-Manchester, na Inglaterra, e reconhecida como a primeira cooperativa moderna e que forneceu ao mundo os princípios morais e de conduta que são considerados, até hoje, a base do cooperativismo. A partir do filme, os cursistas precisam elencar os principais pontos comuns entre o trabalho associado retratado no filme e o trabalho associado na atualidade, também em forma de áudio ou em forma de texto.

Esse exercício no ambiente virtual pode ser realizado pelos cursistas acadêmicos. Já, com os cursistas, membros dos empreendimentos econômicos solidários, além de buscar facilitar a inclusão pela gravação de áudios, trabalhamos as atividades disponibilizadas no Moodle presencialmente nos encontros formativos realizados quinzenalmente.

3.1. A Constituição de Lideranças de Empreendimentos Econômicos Solidários: Uma análise a partir das lideranças dos empreendimentos de EPS atendidos pelo NUDESE-FURG

Moura (2016) tendo Antônio Gramsci e Paulo Freire como referencial teórico, entende que todos os lugares são propícios para o desenvolvimento de lideranças sociais e políticas. É dentro deste pensar que o NUDESE busca trabalhar em suas formações, e destas formações realizadas e o dia a dia dos grupos atendidos têm se forjado algumas lideranças nas diversas áreas como a pesca, agricultura familiar, gastronomia, artesanato e reciclagem.

No caso específico deste trabalho, entendemos como lideranças aqueles ou aquelas integrantes de empreendimentos econômicos solidários atendidos pelo NUDESE, que se destacam por ter bastante claro o seu papel no grupo, na comunidade e na sociedade em geral, tendo muito aflorado os princípios da coletividade, solidariedade e justiça social, o que facilita a resolução de problemas, sejam eles de ordem relacional do grupo, ou da gestão do empreendimento.

Outro ponto bem marcante nestes sujeitos que aqui tratamos como lideranças é a capacidade de “luta” por direitos para a comunidade como um todo, tendo bastante claras as suas limitações, mas não temendo um enfrentamento sequer.

Conforme os ensinamentos de Gramsci (MOURA, 2016), a figura da liderança está associada a confrontos e quem assume a postura de liderança não pode temê-los. Também nos diz Freire (1986, p.68) que: “Os que estão abertos à transformação sentem um apelo utópico, mas também sentem medo”, mas nota-se que este “medo” não é paralisante, ao contrário, os impulsiona à luta diária para manutenção de seus sonhos e de sua comunidade.

Ao escolhermos os nossos sujeitos de pesquisa (as lideranças), não quer dizer que somente nós os consideramos uma liderança e sim a comunidade e/ou grupo que os/as mesmos/as convivem pelas relações que estes estabelecem não somente nos empreendimentos de que fazem parte, mas na luta pela transformação das condições materiais da sociedade em que vivem. Assim, visando compreender os processos formativos das lideranças dos empreendimentos de economia solidária assistidos pelo NUDESE, a partir de suas práticas sociais e na organização do trabalho associado, podemos considerar como lideranças nesta pesquisa, os sujeitos que trabalham nas organizações e de alguma forma se destacam pelo trabalho comunitário que desempenham. Os mesmos são lideranças de cada empreendimento atendido pelo NUDESE, com muita ou pouca experiência em empreendimentos solidários. Estas organizações encontram-se nas mais diversas fases também, alguns bem estruturados, outros com pouquíssima estrutura e em diferentes áreas de atuação.

A seguir demonstrarei na tabela dados que caracterizam cada grupo pesquisado.

Empreendimento	Natureza	Atuação	Nº trabalhadores	Faixa etária	Escolaridade	Ano fundação	População beneficiada
COOPESMI	Cooperativa	Periurbano	14 homens 3 mulheres	56 anos	Fundamental incompleto	2013	50
ECONORTE	Grupo informal	Agrário	10 homens 10 mulheres	58 anos	Fundamental incompleto	2009	50
DELÍCIAS SOLIDÁRIAS	Grupo informal	Urbano	5 mulheres	35 anos	Fundamental incompleto	2015	9
REDE DE ARTESANATO	Grupo informal	Urbano	5 mulheres	55 anos	Fundamental completo	2012	10
COOPERATIVA SANTA RITA	Cooperativa	Urbano	4 homens 28 mulheres	30 anos	Fundamental incompleto	2012	100

Quadro 2: Síntese da pesquisa realizada – Fonte: Autora

Na área da pesca artesanal nossa escolha dos sujeitos foi de duas lideranças que estão na APESMI/COOPESMI desde a sua gênese e sempre com um trabalho comunitário bastante marcante. Como podemos ouvir do entrevistado

Eu sempre acompanhei meu pai pescando e pescava com ele e eu via a dificuldade que ele tinha no trabalho, de tu produzir e não ganhar nada... mal e porcamente para comer... crescemos assim dessa forma... se destacavam duas ou três parselhas e as outras era só para comer... não se conseguia ajeitar uma embarcação... quando se conseguia era através de programas de governo, não era do dinheiro próprio... então eu sempre tive isso aí... eu pretendo trabalhar junto com alguém... a gente em alguns momentos é individualista, mas em outros momentos sempre pensa em se juntar pra conseguir trabalhar... eu sempre tive essa visão mesmo.

E falando do trabalho que realiza frente à cooperativa, ele nos conta:

.... uma cooperativa é pra tu cuidar da tua produção, cuidar da vida e da comunidade, são coisas diferentes... e essa é a grande dificuldade... como o mundo é capitalista, tu colocar na cabeça das pessoas que não é só o dinheiro, que é o trabalho em si... o trabalho comunitário... É difícil de tu trabalhar, mas aos poucos tu vai avançando... são longos anos... são muitos anos... Isso é uma coisa que tu não constrói na hora, eu acho que isso é uma construção da tua cabeça que vem desde infância... é familiar... é da educação, não é do momento... ah, agora eu vou ser cooperativado... eu acho que é da estrutura familiar da gente... que ajuda muito.

(...) eu, às vezes, até falo algumas coisas, quando é demais... porque é diferente a economia solidária da deles que viveram a vida toda explorando... e eles exploram... se eles puderem ganhar 5 Reais eles ganham, se puder ganhar 10, eles ganham... O sistema da direita, da extrema direita, é diferente do sistema que temos hoje da esquerda, que nos alavancou a criar uma cooperativa e que mudou as políticas sociais pra isso... merenda escolar... Marinha... quartéis... essas coisas assim, que são uma obrigação e antes não tinha...

Na área da agricultura familiar, as lideranças entrevistadas são as que se destacam na defesa das causas como a agroecologia e defesa do meio ambiente, por seus reconhecimentos entre os pares, como se pode observar na fala de uma entrevistada da agricultura familiar

(...) se as pessoas querem comer veneno, o que posso fazer? Posso dizer que eu não quero comer, que minha família não quer e que vou sempre tentar mostrar a todos o quanto isto faz mal para todos. Não vou parar nunca minha luta contra os agrotóxicos vi muitas pessoas se irem por isto.

Na área da gastronomia, escolhemos lideranças que possuem tempos diferenciados de atividades ligadas ao trabalho associado e à Economia Solidária. Uma liderança com experiência anterior na área e outra com pouca experiência, mas muito aberta a aprender sobre o tema. Particularmente em

relação à liderança com experiência no trabalho associado e na Economia Popular Solidária temos:

Na APESMI, eu fiquei no comecinho, aí deu um intervalo... Foram uns dez anos, entre idas e vindas da APESMI, porque nem sempre tinha o que fazer. Quando não tinha a feira, eu ia limpar peixe, descascar camarão...

Sobre a liderança mais nova no campo do trabalho associado e da Economia Popular Solidária, temos:

(...) Se aprende o que é trabalhar em economia solidária, aprende a ver de outros grupos que já fizeram, o que é o NUDESE. Como o NUDESE ajuda nas incubações. Essas coisas assim. Isso que a gente faz... acho que pra gente ficar sabendo mais sobre o projeto, sobre tudo que é interesse pra nós. Como trabalhar em equipe, em grupo. Acho que ajuda a gente de tudo um pouco.

No artesanato, o critério de escolha das lideranças se deu por tempo e reconhecimento do grupo enquanto sujeito que fomenta o desenvolvimento do empreendimento e a experiência que demonstra ter no trabalho coletivo.

Assim, em igreja eu já trabalhei muito assim em cozinha, ajudando... um apoio, né. Nos escoteiros também na parte do apoio. Trabalhei muitos anos nos escoteiros. Isso há uns 35 anos atrás. Trabalhava muito, sempre em grupo, mas agora ultimamente que eu tô mais parada com função assim, com outros grupos.

Já na área da reciclagem as lideranças escolhidas foram as que se destacam em suas trajetórias de trabalho comunitário.

Eu sempre trabalhei em tudo, né? Aí eu... o que motivou foi o trabalho que eu já fazia com a Pastoral da Criança também. 30 anos líder da Pastoral da Criança. Daí sempre assim em movimento, né? Foi o que me levou a participar. Na questão da cooperativa, a gente tinha um grupo de mães e a gente trabalhava... a maioria do povo era gente que trabalhava no antigo lixão, daí a gente conversando com o pessoal que era da universidade. Daí que deu a ideia. Ai a gente começou a arrumar a cooperativa e as pessoas já eram desse, tinham trabalhado na questão do lixo. Foi assim que se formou a cooperativa... não sei se tu quer que eu conte desde... quer? [...] Nós tínhamos um grupo de mãe, onde participava eu, a Marina também participava. Daí a maioria das mulheres eram pessoas que já trabalhavam no antigo lixão. então a gente já tinha sido extinto por... não podia mais ter o tal lixão. Eu nunca trabalhei nesse lixão, mas eu sei que tinha. Aí essas pessoas participavam do grupo. E então apareceu esse pessoal lá da universidade, era a professora Márcia e o professor Marcos. Eles faziam trabalho de arqueologia na antiga chácara do Seu Elbio, né? Porque ali seria um lugar onde teve escravos... tinha algo assim, então eles tavam fazendo um trabalho ali. Aí eles queriam alguém que apresentasse o bairro pra eles tudo, né? Daí a gente começou a conversar. ai um dia a professora Marcia, depois de uns 2 meses, conversou com nós que tinha ido numa reunião com a Prefeitura. E soube que a Rio Grande Ambiental junto com a Prefeitura, tinham colocado uma estrutura onde era o antigo lixão que seria as prensas... tinha tudo pra formar uma cooperativa. Aí ela conversou com nós... ela ia conversando, colocando pra nós,

se a gente não se animaria, como a gente fazer um cadastro como antigos catadores do lixão. Daí a gente conversar com eles e fazer a cooperativa. Daí a gente fez um cadastro das pessoas que eram catadores do antigo lixão. Cadastramos na época 102 pessoas e começamos a nos reunir. E começamos a nos reunir por uns 6 meses. Daí a professora ajudou a se forma, começamos a nos reunir pra ver a possibilidade de formar a cooperativa. Ai depois de muitas reuniões aí a gente resolveu. Ai um rapaz lá, acho que da EMATER, veio nos falar sobre cooperativa. Mas ele parecia não entender muito... acho que nós sabíamos mais do que ele. Aí ele colocou o que era cooperativa... aí resolvemos formar a cooperativa. Formamos, fizemos a diretoria, tudo, mas não registrou. Aí depois no dia 5 de junho, depois de formada a diretoria, começamos a trabalhar nessa estrutura. Ali tinha as prensas... aí começamos a trabalhar com as 102 pessoa. Sem nenhuma formação, né? Eu mesma não conhecia nada da questão do lixo, de separar e tal. O pessoal da diretoria também não... o pessoal dos catadores conhecia, mas da maneira deles. Eles não queriam catar organizado, e tal.

Podemos constatar que as lideranças entrevistadas, bem como a maioria dos integrantes dos empreendimentos econômicos solidários desta pesquisa tiveram experiências anteriores em outros trabalhos, sendo que o vínculo empregatício era a CLT, ou na maioria dos casos tinham as obrigações de um empregado CLT, mas como não tinham a carteira assinada não tinham nenhum direito.

Na pesca a experiência do entrevistado foi relatada:

Tive em fábrica de peixe. O vínculo era como trabalhador normal, com carteira assinada. A não ser na agricultura... na agricultura não era...

Já na agricultura familiar a experiência pode ser observada:

(...) a gente morava na cidade e eu comecei a trabalhar como babá, mas muito antes a gente já ia na lavoura, cortar capim... Trabalhei como babá a partir dos 12 anos, e com 14 anos eu comecei a trabalhar em uma loja que vendia móveis. Foi aí que eu assinei a minha carteira, com 14 anos.

(...). Eu gostava, eu gostava de trabalhar com vendas. Eu trabalhei nessa loja lá no interior... trabalhei por 8 meses e depois eu vim embora com meus pais para Porto Alegre. Na verdade, meus pais são separados e minha mãe já morava em Porto Alegre. Eu fiquei morando com meu pai, quer dizer, com minha vó, na verdade. Morava na casa de uma tia, depois na casa de outra, depois fui morar com meu pai... era assim, sabe? Era um Deus nos acuda, um pouco na casa dum, um pouco na casa doutro. Com 14, quando eu comecei a trabalhar de carteira assinada, daí fui morar sozinha, fui morar em uma pensão, daí depois resolvi ir pra Porto Alegre atrás da minha mãe, daí parei pouco tempo com ela, pois tinha um padrasto que não dava certo, então fui morar sozinha com meu irmão... Daí fui trabalhar em uma rede de supermercados de caixa, trabalhei 2 anos, depois fui trabalhar em uma loja Marisa em Porto Alegre também, trabalhei dois anos de caixa. Daí depois eu casei, trabalhei mais uns meses... começou a vir os filhos... o marido também não queria que eu trabalhasse, aí eu parei... depois eu tive um mercadinho... trabalhei

uns 15 anos no mercadinho. Depois do mercado eu fui trabalhar com meu marido na serralheria, mais uns 3 anos e depois eu resolvi de colocar essa fruteira que tive por 10 anos. Daí ele se aposentou e a gente decidiu vir pra cá... bem longe de tudo... de Porto Alegre, da família... Aqui somos só nós dois.

(...). Na realidade eu fui ter conhecimento da economia solidária dentro do Grupo, pois até então eu não conhecia.

A integrante do Artesanato nos conta que trabalhou de carteira assinada e que inclusive teve seu próprio comércio, mas que devido à crise do país teve que fechar o negócio:

(...). Trabalhei um tempo de carteira assinada, depois a gente começou a ter comércio próprio. E o que me incentivou mais foi que o comércio começou a ficar ruim com toda essa crise toda, então a gente começou a sentir essa crise há uns anos atrás. Há uns 5, 6 anos atrás. E aí eu comecei a trabalhar mais com artesanato, comecei a trabalhar mais com almofadas aromatizadas, sachês, essas coisas assim.

As integrantes do grupo de gastronomia relatam:

Fui segurança de supermercado. Aí fiz curso de vigilante, mas não trabalhei de vigilante, só de segurança no Guanabara. Trabalhei na limpeza, trabalhei na APESMI, durante um período lá. Começo, fazendo feira, quando veio o caminhão, trabalhava no caminhão do peixe, depois na secretaria, aí depois eu trabalhei de ambulante. Eu fazia as coisas na minha casa e saía de bicicleta, ia nas escolas, no postinho de saúde.

Sempre em casa de família e daí fui pro polo e trabalhei na QUIP nas repúblicas, também na parte de limpeza, depois fui pro polo naval na barra também na parte de limpeza. No início que trabalhava em casa de família, não. Fiquei quinze anos trabalhando em casa de família. Me dividia três vezes na casa de uma na semana, e três vezes na casa de outra. Trabalhei quinze anos assim e era sem carteira assinada - Daí eu fui pra QUIP e aí era tudo certinho, depois no polo naval na Barra também era tudo certinho.

Demonstram em suas falas que a relação de empregado não permite que os mesmos possam ser criativos ou mesmo participem do processo de desenvolvimento do empreendimento em que trabalham e demonstram aí a grande diferença em trabalhar num empreendimento econômico solidário, pois neste último se sentem partícipes e influenciam no desenvolvimento do empreendimento, conforme podemos observar nas falas dos entrevistados da área da pesca e da área de artesanato:

(...) Eu nunca consegui avançar muito trabalhando nos outros serviços por causa dos patrões, tive muita dificuldade em trabalhar como empregado, sempre tive muita dificuldade... dessa relação... não do trabalho em si, sempre trabalhei, fiz o que era pra fazer, mas a relação patrão empregado nunca era boa... sempre tive essa dificuldade, o trabalho onde eu mais parei foi um ano e dois meses, foi na Noiva do Mar. Consegui parar, pois a gente trabalhava nos

ônibus rodoviários e a gente trabalhava de forma independente, não tinha muita relação com os chefes, fiscais... E os outros eu não conseguia passar dos seis meses, oito meses, não conseguia ter esse vínculo com patrão e empregado... Sempre tive muita dificuldade... não que eles não gostassem de mim, pelo contrário... Cotrijuí, Christiani & Nielsen, queriam que eu continuasse, mas eu não conseguia continuar, por causa da pesca, onde a gente tinha essa liberdade... a natureza... com o mar... sei lá, acho que vem de família, tá no sangue essa aproximação com a pesca...”

(...). Eu gosto de produzir o que... eu sentei e hoje eu vou procurar fazer tal coisa diferente. É o que me sai na hora. Tem dias assim que eu sento e ah, não consigo fazer e nada. Então eu largo, saio dou uma voltinha. E tem outros dias não, que eu já consigo criar outras coisas diferentes.

Também é possível observar que além do trabalho celetista, há também o trabalho informal, pois muitos dos entrevistados relataram a condição de trabalho informal em determinadas épocas de recessão.

Uma das entrevistas da área de gastronomia tinha esta experiência como nos relata agora:

Esse que eu vendia, fazia por minha conta. Ia pra casa, fazia minhas coisas e saí de bicicleta pra... Os salgados, aí quando eu comecei a fazer salgado, eu vendia no colégio São Miguel, ia nos postinho que tinha perto, passava nos bares. Aí eu comecei a fazer uns salgados grande e as pessoas começaram a perguntar se eu não fazia salgadinho de aniversário. O que eu sabia de salgadinho de aniversário era pra casa, mas aí eu “vamo fazer, então”. Daí eu comecei a fazer também salgadinho pra fora, fazia nos finais de semana, fazia caixinha sortida, colocava no Face., as pessoas procuravam. Aí começaram a me conhecer nas lojas, na Renner, na Morgana, na Gaston. Aí já começaram a me chamar. Aí eu fiquei durante um período fazendo assim.

Quando perguntados sobre o que os motivou a trabalhar com Economia Popular Solidária a maioria respondeu que foi porque estava desempregado, mas que ao conhecer o trabalho em Economia Popular Solidária sentiram-se valorizados e satisfeitos com os seus trabalhos e a única coisa que, às vezes, os desmotiva é a incerteza da venda, quer dizer não ter a certeza de quanto irá ganhar para custear suas despesas básicas.

Uma das entrevistadas da área de gastronomia nos diz isto claramente

(...) Não, mas eu não faço pra fora”, “mas é aqui pra FURG, vem teu nome no potinho, entrega aqui por Cláudio”. Não moço eu só faço aqui pro quiosque porque eu sou daqui. Mas eles vão lá no quiosque. Aquele filho do seu Claudio comprava e as atendentes. ...Eu me sinto muito bem. Nossa, eu fico toda besta.

A integrante do artesanato nos diz que:

Mesmo sendo com algum atrito, discordando, eu gosto muito do grupo.

A agricultora familiar nos diz:

(...). Eu alegre sempre fui, mesmo no comércio eu sempre fui... todo mundo acho que sempre gostou do jeito que eu sou, expansiva, de conversar, eu sempre fui... mas eu gosto muito do contato com a terra, sabe? Eu fico realizada de estar lá no meio das plantas... de estar em contato com a natureza... se eu pudesse estava sempre ali, do que estar trancada dentro de uma loja.

Em média todas as lideranças entrevistadas trabalham há mais de dois anos em empreendimentos econômicos solidários.

Quanto ao processo formativo em Economia Popular Solidária, a maioria reconhece em duas entidades este processo. A primeira é o NUDESE-FURG e, em alguns casos, a EMATER, afirmando que a última basicamente quando atua em formação trabalha a temática do cooperativismo e o primeiro com as relações interpessoais e Economia Popular Solidária, gestão social do empreendimento, e formações técnicas na área de atuação do empreendimento.

Ao questionar sobre formações a integrante do grupo ECONORTE evidencia que:

(...) Ultimamente está bem pouco, já teve mais... eu acho que depende de verbas também, o que está bem escasso. Bem no início, quando eu entrei, tinha bastante, agora tem bem pouco. Eu tive uma de cooperativismo, na Emater... eu tive uma para entrar na cooperativa, a Coafan. A Cooperativa nos ajuda em muitas coisas, como a gente não tem CNPJ, a gente usa eles, até pra entrar nesses projetos PNAE... é através da cooperativa.

E formação em economia solidária? Não... eu tive alguma coisinha naquela viagem à Santa Maria.

As formações são muito importantes para o desenvolvimento pessoal, mas também para o desenvolvimento do empreendimento. Em alguns casos, as lideranças entrevistadas demonstram que sem as formações, elas não iriam conseguir tocar seus empreendimentos.

Os integrantes da Pesca falam que:

Pelos cursos que eu tirei, o que me chamou mais atenção e que me deixou melhor para trabalhar foi principalmente na área administrativa e de alimentos. Eu aproveitei os outros, mas na parte administrativa e de gestão me melhorou muito... e o curso de economia solidária foi

muito bom... reforçou o que já se pensava... porque eu digo, a economia solidária tu não aprende, tu vem com ela, tu vive ela no dia a dia... mas os cursos ajudam bastante, eu aproveito o máximo possível... o pouco que a gente faz aqui dentro hoje com certeza é através desses cursos de formação... as coisas práticas a gente traz da nossa vida, mas as teóricas com certeza ajudou muito... é fundamental, não é importante, é fundamental para o andamento do processo.

(...). Um dos motivos que a gente não pode deixar de colocar que as que tão funcionando hoje têm o apoio do NUDESE, isto foi um dos motivos. Outra coisa como aqueles cursos de cooperativismo foram bons no momento, Santa Isabel teve, nós tivemos, Pelotas não teve, São Lourenço não teve o mesmo curso. Santa vitória teve o mesmo curso, mas não conseguiu avançar por os problemas que tiveram lá.

As integrantes do grupo de gastronomia nos afirmam que:

Aprende o que é trabalhar em economia solidária, aprende a ver de outros grupos que já fizeram, o que é o NUDESE. Como o NUDESE ajuda nas incubações. Essas coisas assim. isso que a gente faz. Acho que pra gente ficar sabendo mais sobre o projeto, sobre tudo que é interesse pra nós. Como trabalhar em equipe, em grupo. Acho que ajuda a gente de tudo um pouco.

Saber o que a gente faz e qual é o sentido e objetivo daquilo que a gente tá trabalhando. Se não tiver nenhuma formação a gente vai trabalhar, mas não vai saber qual é o objetivo, o princípio. Então as formações fazem com que a gente aprenda o princípio da ES, o objetivo que a gente tem em equipe E isso pra mim é importante. Quanto mais eu aprender, pra mim melhor, porque eu vou saber falar melhor, explicar melhor pras outras pessoas que não sabem da ES e da área. E quanto mais eu aprender, mais eu tiver formação pra mim, mais eu vou poder passar pras outras pessoas conhecerem o nosso objetivo. Que não é viver só no mundo capitalista.

A integrante da Rede de Artesanato nos diz:

São várias coisas e até o fato de a gente se organizar para os eventos, que a gente tem se preparar uns dias antes né. Por questão de como montar, o que que vai ser... Às vezes, a embalagem, tudo... A gente vai se preparando, trocando ideias as cinco.

As integrantes da Reciclagem relatam:

“Eu acho bem importante e é uma coisa que tem que se dar oportunidade. Até pras pessoas aprenderem, terem noção, né. A grande dificuldade que a gente enfrenta é porque as pessoas não têm a formação e acham que é da maneira deles, do jeito deles que é... o que eles entendem? Que é cooperativa eu posso tudo... que não tem... porque é cooperativa todo munda manda.... tem que também, né, então eles acham... eu acho que tem que ter mesmo pra eles saberem o que que realmente é... ou o NUDESE proceder... a formação é uma coisa importante que tem que ser contínua, eu acho”.

Relatam também que, às vezes, alguns integrantes não se interessam de início nas formações, mas quando começam a ver o trabalho se concretizar na prática, passam a valorizá-las.

No artesanato, o relato foi o seguinte:

Olha, tem horas que eu acho que elas vão porque tem que ir. Porque elas não encaram assim, elas não levam a sério muito o que a gente combina. A gente combina uma coisa ali e daí a gente já sai e vira as costas e fazem tudo diferente.

Já o entrevistado da área da pesca:

No início foi boa, mas hoje tu vai fazer uma formação a participação não é tão boa.

(). Eu acho porque no início da formação eles tinha uma expectativa porque tudo era novidade. Eu acho isso porque no momento que eles começam a fazer os cursos, muitas coisas já não são mais novidade, principalmente as coisas práticas. E as teóricas eles acham que não têm capacidade de aprender... de entrar aqui pra dentro e ajudar a administrar o empreendimento. Então eles mesmo dizem: ah, isso aí pra mim não adianta nada, pois eu não aprendo mesmo... não tenho escolaridade... eu tenho pouco estudo... sabe? E não é uma verdade... às vezes, a gente faz uma reunião e a resposta vem daquele cara que muitas vezes mal sabe ler e escrever... as melhores respostas vêm deles... mas eles não conseguem assimilar isso... não se reconhecem aptos a entrarem ali pra dentro e fazerem um bom trabalho."

Quanto à organização, gestão e relações de trabalho pudemos notar que isto se dá de forma diversa, de acordo com o desenvolvimento do grupo em relação aos princípios e fundamentos do trabalho associado e da Economia Popular Solidária. Isto também está diretamente relacionado aos diferentes estágios de formação em que os empreendimentos se encontram.

Diante disso, é possível notarmos que o grupo pós-incubado tem muito claro quais são seus objetivos, metas e perspectivas, já os demais depende muito do estágio de desenvolvimento em que se encontra o empreendimento. Contudo, se observa que mesmo os empreendimentos que estão em fase de incubação vêm dando seus passos rumo à autogestão, pois estão revendo e reeditando seus planos de negócios, ainda que não realizem as assembleias legais, se reúnem sempre que necessário para discutir decisões de como trabalhar as safras ou alguma decisão de cunho administrativo.

Existe, mas até pela dificuldade que a gente tem de tempo, porque hoje a equipe aqui é pequena e o pescador não tirou a visão de que ele só tem que produzir. Por ele pensa que só tem que produzir e tem poucos que pensa que tem que produzir mas tem que participar da

gestão. É difícil, por isto que eu digo que a grande dificuldade das cooperativas hoje é o pescador entender que hoje não é só produzir. Ele tem que produzir e fazer parte da gestão da cooperativa. E tem grandes dificuldades. E são poucos que entendem isto.

Toda safra é planejada, a gente se planeja para elas todas. Nem todas dão certos, os planejamentos... a de camarão mesmo, a última agora foi um fracasso para nós. Foi boa para quem pesca. Como vou dizer: eu sou pescador e tô dentro da cooperativa. Como pescador a safra foi boa. Como sócio da cooperativa e gestor do empreendimento foi ruim. A gestão foi ruim, porque a gente tem que aprender muito para trabalhar em safras nem digo em volume, mas que gire muito dinheiro. Então a gente tem que aprender muito ainda, amadurecer, se preparar para próxima não cometer os mesmos erros que cometemos nesta que passou. E tentar melhorar o trabalho porque se melhorar para cooperativa vai melhorar para o pescador também. Acho que o pescador não ficou abandonado em momento algum; esta é a grande virtude da cooperativa.”

As lideranças têm muito claro que atingir a autogestão é um processo longo para os trabalhadores, mas que mesmo com todas as dificuldades que poderão ter devem sempre persegui-la, pois é a única forma que permite que a classe trabalhadora realmente torne-se plena. Esta compreensão fica mais evidenciada na fala de lideranças dos empreendimentos pós-incubados, o que nos faz pensar que isto está relacionado ao processo de formação realizado. Assim diz a liderança do empreendimento de Economia Popular Solidária ligado à pesca artesanal:

Eu acho que tá crescendo e tá amadurecendo. Com altos e baixos, apanhando, daqui a pouco tu achas que tá ok. Daqui a pouco tu acha que sobra dinheiro daqui a pouco falta e tu vê porque que faltou e tu vai aprendendo com isto. Porque a gente não é gestor. Era gestor da nossa parrelha de pesca e da nossa casa. Aqui não. Tu trabalha com notas fiscais, impostos, direitos trabalhistas são outras coisas. Tava fora da nossa realidade e hoje tu tem que realmente te interar dentro disto.

Os grupos incubados estão discutindo seus objetivos e traçando um plano de negócios, mas ainda não têm claro o conceito de autogestão, sabem da sua importância, mas ainda possuem muito forte os costumes de uma classe trabalhadora alienada, ou seja, de uma classe trabalhadora que sempre viveu nos ditames da opressão do modo de produção capitalista.

O Grupo da gastronomia entende autogestão como:

Acho que tá caminhando. Aos poucos a gente tá conseguindo se autogerir.

(...) não consegue ter ainda essa autogestão total.

Falta uma parte para administração...

No artesanato não é reconhecido o processo de autogestão, mas há falas que nos levam a crer nesta busca:

*Eu, ultimamente, tô fazendo de tudo pro REDE funcionar. Tem horas assim que eu fico meio braba e quero jogar a toalha, porque eu acho que a gente tem que trabalhar com o que... trabalhar mesmo, chegar junto, não mais pra um do que pra outro. Aí no fim elas acham que eu sou a mandona (...).
(...) esperança que sim, né. Porque eu acho que aquilo, né, o NUDESE nos recebe com tanto carinho, com tanto amor que essa é uma oportunidade e a gente tá jogando fora. Então a gente tem que procurar fazer tudo pra levar a REDE pra frente e o NUDESE também, né.*

O grupo assistido tem participado de formações gerais e cursos pontuais e com a mudança do prédio e uma nova perspectiva de atuação já solicitou à incubadora que pudesse ser incubado e ter formações continuadas para que pudessem entender melhor gestão social do seu empreendimento.

Quando questionados sobre o que o trabalho coletivo contribui para composição da renda familiar, as lideranças dizem que a contribuição vinda do empreendimento representa 100% ou, no mínimo, 50% da renda familiar, e disto também se nota a exigência dos próprios integrantes de se capacitarem para manter seu empreendimento.

Na área de gastronomia as entrevistadas responderam que:

No meu caso, é 100%.

A maior parte do ano é 100%. Nas férias são as festas de final de ano.

O integrante da pesca artesanal nos relata:

Vou dizer uma coisa para ti. Se hoje eu somente pescasse eu estaria ganhando uns 1500 reais a menos por mês. Se eu fosse um pescador que entregasse para atravessador. Esta é a avaliação que eu faço assim, não é só porque eu pesco, posso pescar, é porque a minha esposa hoje tem uma mão-de-obra é um preço justo e ela trabalha aqui dentro da cooperativa, cuidando das coisas que é dela.”

A liderança do artesanato quando questionada sobre a composição da renda familiar:

Assim eu não sei te dizer agora o certo que.... A gente não tem assim uma meta. Até tem, entendesse, mas tem semana que tu não vendes nada. Aí tem algum evento, daí num dia tu vende mais alguma coisa.

E como dito anteriormente os trabalhadores buscam organizar sua gestão e manutenção do empreendimento e isto confirma-se quando questionamos

como se dão os investimentos e/ou manutenção e todos apresentam que buscam percentuais que possam cobrir os custos de manutenção e algum pequeno investimento e além disso buscam projetos e/ou políticas públicas que permitam o desenvolvimento do empreendimento.

A liderança da agricultura familiar fala:

(...) nós temos um fundo de 5% que é para o Grupo, que é para investir nessa parte aí... Do que a gente vende por mês a gente tira 5% e aquilo vai para o fundo do Grupo. É usado para sacolas, se precisar comprar lona nova, embalagens, bateria para a balança, para quando a gente vai fazer uma viagem e precisa gastar com passagem a gente pega dinheiro dali... Agora a gente comprou aqueles produtos para as caldas... Se por exemplo eu preciso, eu compro e retorno para o fundo... O que é vendido para quem não é do Grupo tem um acréscimo de 10 Reais e isso dá um lucrinho para o Grupo, porque a gente mesmo, eu e a Elisete, temos gasto com a lancha para trazer os nossos produtos para Rio Grande, então isso nos ajuda nas despesas”.

Na gastronomia nos relatam:

*Às vezes... não, nessa caixinha às vezes enche, às vezes esvazia. Agora tem, mas é da gente que tem que pagar... e no inverno a bebida sai muito pouco e dá uma queda bem grande.
(...) na medida do possível a gente consegue fazer essa manutenção com o dinheiro.
(...) não tem capital ainda, mas ainda consegue se manter ainda mais do que conseguia há uns 6 ou 7 meses.*

Quanto às políticas públicas de Economia Popular Solidária, os grupos apontam o Programa de Aquisição de Alimentos - PAA, Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE, projetos em geral, inclusive o INTECOOP, como ações que beneficiam os grupos de economia solidária, ressaltando também que sem estas políticas muitos dos grupos teriam sucumbido.

A liderança da agricultura familiar diz:

Este ano a gente teve o PAA que teve diferencial nos produtos orgânicos. Bem no início eu entreguei aipim, até recebi deles 450 Reais, que foi bem no início, antes de começar a chuva. Eu fiz duas entregas. E me inscrevi também no PNAE, que para a merenda escolar... daí saiu a licitação e eu peguei o colégio da Barra. Há dois anos atrás eu abastecia o colégio da Barra, só que daí esse ano eu não consegui, porque eu não tinha mercadoria.

Já a liderança da pesca artesanal recorda as políticas públicas que existiram e lamenta suas extinções:

Eu acho que a ES hoje tá meio abandonada como tá todas as políticas públicas é que para o pobre. O pobre em geral, não é só o

pescador, o agricultor, é o catador de lixo. Eu acho que as políticas públicas hoje estão desaparecendo das nossas comunidades. A ES eu me lembro que desde 2002 nos tivemos aquelas políticas públicas, eu digo dentro da ES porque foi aquelas políticas para as cooperativas é dentro da ES embora algumas não conseguiram seguir nesta linha, mas não é a estrutura cooperativa é as pessoas que não deixavam seguir neste rumo. ES. Ela teve vários avanços naquela feira de economia solidária de Santa Maria, as feiras que a gente participou da própria cidade do Rio Grande aqui. Os grupos de ES que foram construídos, o artesanato, reciclagem de lixo, pescadores, agricultores vários avanços de políticas de ES. A Secretaria de ES que criaram, tanto aqui no estado como no governo federal. Agora a gente tem aqui em Rio Grande a Secretaria de Economia Solidária, os fóruns de ES, então tudo isto parece que foi enfraquecendo ao longo do tempo e hoje a gente não vê isto com força como tinha. Então a ES tinha várias políticas que incentivavam a organização hoje não se vê mais isto. Hoje as organizações que tão, tão. Vão tentando se manter, continuar este trabalho de ES, Só que é como vou te dizer, é menor são menos grupos, centralizados dentro das comunidades. Não vê mais aqueles fóruns de ES que a gente participava. Aquelas conferências de ES que a gente participava, não vê mais isto, não tem mais isto aí. Como diziam que pobre não podia andar de avião. Mas ele andava de avião e se organizava. A gente ia para Brasília para se organizar e sim questionar

Sobre a Economia Popular Solidária a nível municipal e estadual os grupos respondem que quase inexistente, há pouca preocupação dos governos com a economia solidária e as que têm são extremamente pontuais e atingem principalmente grupos de artesanato. Quanto ao Fórum de Economia Solidária os grupos relataram que até sabem da existência, mas que não conseguem se organizar junto, visto que o mesmo se dedica basicamente ao artesanato e que mesmo com este há uma dificuldade de participar de todas as atividades.

A liderança da cooperativa de catadores fala:

(...). Eu acho que eles deveriam dar mais apoio. Mas assim, parece que o pessoal não se valoriza, mas o trabalho que a gente faz com a reciclagem é super importante pro município, tá? Isso aí é lixo que iria pro aterro. E eles não valorizam. Eles deveriam valorizar mais o trabalho das cooperativas... associação... dá mais apoio, incentivo.

Quando questionada, a respondente do artesanato nos diz:

Eu sinceramente não sei, porque não tenho muito conhecimento... Ai, não é isso que eu queria te dizer. Pode até, acredito que existe, mas eu não conheço.

As entrevistadas da área da gastronomia nos apresentam:

Existir, existe, mas aqui não, né? Lembra daquela vez que a gente foi no auditório da prefeitura tentando fazer a cartilha? Mas daí só vi

aquele dia o assunto e deu. E a gente sabe que em outras cidades, outros estados, é bem diferente. Existe.

Para o grupo de pescadores artesanais, o Fórum da Lagoa dos Patos teve uma grande valia para organização de legislações que atendessem aos pequenos produtores, mas nota um esvaziamento por parte das entidades governamentais que têm acento no Fórum e isto tem dificultado avançar mais em melhorias de condições para o pescador artesanal e o meio que tira o seu sustento.

Quando começamos a conversar sobre lideranças na EPS e seu papel no processo de emancipação humana, todos relatam que o trabalho em um empreendimento econômico solidário contribuiu decisivamente na construção e participação social. Através da participação no empreendimento muito começaram a se envolver mais em conselhos e comitês que fazem ações de controle social, discutindo problemas e buscando soluções para problemas da sociedade em geral.

E questionados sobre a influência do processo formativo realizado pelo NUDESE se intervinha na relação de envolvimento deles com temas que afetam a comunidade em geral e não somente o empreendimento, a resposta foi que quando passam a entender a totalidade do processo, daí se dão conta que se o resto não funcionar não adianta, porque isto refletirá no empreendimento.

Um dos motivos que a gente não pode deixar de colocar que as que tão funcionando hoje têm o apoio do NUDESE, isto foi um dos motivos. Outra coisa como aqueles cursos de cooperativismo foram bons no momento, Santa Isabel teve, nos tivemos, Pelotas não teve, São Lourenço não teve o mesmo curso. Santa Vitória teve o mesmo curso, mas não conseguiu avançar por os problemas que tiveram lá. Mas eu vejo que estes dois municípios Santa Isabel e Rio Grande com a APESMI/COOPESMI, estes cursos de cooperativismo foi muito bom para isto. Aceitaram bem o curso estes grupos.”

Apontam a importância da autogestão do empreendimento, que precisam de auxílio e não de tutela.

Que a assessoria deve apontar problemas e até ensaios para soluções destes, mas que a decisão e a solução dos problemas são unicamente do grupo, isto nota-se muito nos grupos pós-incubados e algumas iniciativas de um grupo incubado, como podemos notar no grupo de gastronomia.”

A gente sabe o que fazer, mas precisa melhorar. A gente não faz tudo que tem pra fazer, mas a gente já sabe porque a gente já fez

formação o suficiente pra saber o que que precisa mudar, só que a gente ainda não conseguiu fazer essas mudanças, entendeu?

Todos relatam que a experiência de participar de um empreendimento econômico solidário que possui outros valores fez com que eles crescessem enquanto humanos que vivem em sociedade, exemplificam que isto refletiu-se em suas atuações em diversos outros grupos como: familiar, igrejas, comunidade em geral.

A entrevistada da agricultura familiar, nos diz:

Eu acho que afetou... eu tenho mais amizades... mais conhecimento... de diversas áreas...

Já no artesanato, nos apresenta da seguinte forma:

(...) Eu sempre digo que o grupo fez com que eu deixasse de tomar remédio pra dormir! ... mas foi verdade. Ultimamente era muito estresse, muitas coisas dando errado no comércio e aí eu era sempre muito ansiosa. Aí foi quando eu fui pro REDE e comecei a me dedicar ao artesanato e aí foi uma coisa... Que assim, eu fui me acostumando. Ficar mais em casa também. E me dedico muito no artesanato.

Portanto, a partir destas entrevistas realizadas com as lideranças dos empreendimentos econômicos solidários atendidos pelo NUDESE, foi possível compreender que os processos formativos das lideranças dos empreendimentos de Economia Popular Solidária se dão muito em virtude de suas experiências anteriores de envolvimento com práticas coletivas, seja em Igrejas, associações ou pequenos grupos de trabalho voluntário. Estes sujeitos quando envolvidos em empreendimentos econômicos solidários como os tratados nesta pesquisa, possuem uma prática de lideranças que assumem para si a responsabilidade de ser-mais¹⁶ no sentido freireano. Este desejo de ser-mais, observado na prática das lideranças dos empreendimentos econômicos solidários atendidos pelo NUDESE não se relaciona apenas a si próprios, mas é um sentimento que as lideranças possuem em relação a si e aos demais membros do grupo ou à sociedade de modo geral, como podemos observar nas falas a seguir:

¹⁶ A vocação para a humanização, segundo a proposta freiriana é uma característica que se expressa na própria busca do ser mais através do qual o ser humano está em permanente procura, aventurando-se curiosamente no conhecimento de si mesmo e do mundo, além de lutar pela afirmação/conquista de sua liberdade. Esta busca de ser mais, de humanização do mundo, revela que a natureza humana é programada para ser mais, mas não determinada por estruturas ou princípios inatos. (DICIONÁRIO PAULO FREIRE, 2010, p. 369)

Pra mim foi tranquilo, porque eu nunca trabalhei com nada de alimentação, mas eu sempre gostei de cozinha, gostei de cozinhar, gostei de fazer as coisas. Então rapidinho eu aprendi. A Elisandra me ensinou muita coisa, que eu nem sabia, que eu gostava, mas nem sabia. Agora eu faço qualquer coisa que dá eu faço, tranquilo.

Para as lideranças do artesanato:

eu acho que pra nós, nós precisávamos de mais gente. Pra poder ter mais tempo até pra fazer oficinas que a gente teve que parar por falta de pessoas para trabalhar. As oficinas, trabalhar em conjunto, entendesse? Até a gente... Eu penso, assim, de repente tá, vamos tirar um dia pra trabalhar em conjunto. O que a gente produzisse ali no dia, a gente passasse para alguma creche, alguma entidade, alguma coisa, pra eles ou usarem ou venderem”.

A partir de suas práticas sociais e na organização do trabalho associado, as lideranças contribuem para a construção de uma nova realidade social, a partir do momento que não só constroem as bases materiais para isto, como também contribuem sendo inspiração à luta para os demais trabalhadores dos empreendimentos econômicos solidários.

4. Os Limites e Possibilidades da Economia Popular Solidária: Uma análise a partir dos EES atendidos pelo NUDESE

Nos últimos anos vêm se consolidando novas formas de organização coletiva de trabalho e geração de renda e tais experiências são disseminadas nos diversos espaços urbanos e rurais, através de cooperativas, associações e grupos populares. São os chamados “empreendimentos econômicos solidários”, que em sua origem, nascem como instrumentos de luta da classe trabalhadora contra o desemprego estrutural e o despotismo do trabalho. Tais empreendimentos populares orientam-se por alguns princípios: como a solidariedade, o protagonismo popular e sustentabilidade, articulados ao movimento contra hegemônico à crise estrutural gerada pelo sistema capitalista (COSTA et al., 2011). Segundo Marlene Ribeiro:

A substituição do modelo taylorista-fordista de produção pelo paradigma da acumulação flexível baseia-se na aplicação de novas tecnologias aos processos produtivos que acabam por eliminar milhões de postos de trabalho, gerando o desemprego tecnológico e conseqüentemente o desemprego estrutural (RIBEIRO, 2007, p. 23).

Desenvolver a Economia Solidária dentro do modo de produção capitalista é uma resistência, mas alguns se aventuram nesta proposta. O NUDESE vem fazendo isto desde seu nascimento em 2003.

Apoiados na pesquisa realizada e os resultados do projeto de pesquisa INTECOOP-FURG, no ano de 2016, financiado pelo CNPq e executado pelo NUDESE junto aos empreendimentos econômicos solidários por ele atendidos no referido ano, cabe salientar que as situações limites se constituem, ao mesmo tempo, problemáticas particulares a dado contexto, mas também obstáculos históricos comuns aos empreendimentos ligados à Economia Popular Solidária e não somente aos grupos atendidos pelo NUDESE.

Uma das grandes dificuldades observadas nos grupos que pesquisamos foram as **relações interpessoais**. Em alguns casos os grupos são formados por indivíduos de culturas, hábitos e costumes diversos e até organizar tais diferenças em prol do coletivo leva tempo e desgaste.

Temos uma educação bastante competitiva e até conseguirmos nos desvencilhar dela, os grupos, por meio de seus membros, sofrem para conseguir trabalhar coletivamente. Este desgaste em alguns casos chega ao extremo de não ser possível a continuidade do grupo.

Neste interim o papel das lideranças é fundamental para a manutenção do grupo vinculado aos princípios e de forma que o trabalho seja gratificante a todos os membros do coletivo.

Um limite apontado por todos os grupos entrevistados foi a dificuldade de **comercialização**: inserir os produtos no mercado, falta de capital de giro, escala de produção; são obstáculos que por serem pequenos produtores, e ainda apresentarem empreendimentos comuns (capitalista) para adquirir seus suprimentos, acabam retroalimentam a economia capitalista e não a economia solidária.

Um exemplo clássico disto é o grupo da área da gastronomia, no qual a maioria de seus insumos são adquiridos nas grandes redes de supermercados como nos diz sua liderança:

A gente até gostaria que comprar nossos insumos todos da economia solidária, mas ainda não é possível. Às vezes, porque eles não têm escala de produção e, às vezes, porque o preço é muito maior e daí o nosso produto fica inviável. Nós não queríamos deixar nos bolsos no Atacadão, preferíamos deixar em algum empreendimento solidário para seguirmos fortalecendo nossa proposta, mas nem sempre dá, né.... a gente se esforça”.

A falta de capital de giro e escala encontramos nas falas de:

Então cada dinheirinho deste que sobra, parte tira para pagar impostos, parte para água e luz, parte para pagar o pessoal aqui dentro e sempre tenta deixar uma reservinha para que vá se formando um capitalzinho de giro. Se tá conseguindo hoje fazer esta gestão do capital de giro, que a gente sempre teve muita dificuldade disso, tava sempre com a corda no pescoço.

Mas quem se dispõe a buscar uma outra economia, se dispõe a lutar por uma outra sociedade.

Outro limite é a **autogestão** que é “uma decisão coletiva dos produtores sobre o processo de produção, isto é, os próprios produtores iriam gerir o processo de produção”, segundo Faria (2005).

Afirmamos uma relação social fundante de uma nova formação social, para uma “outra sociedade”. Nessa perspectiva, a autogestão, enquanto utopia seria um processo de autogoverno pelos “produtores livremente associados”, segundo expressão de Marx no terceiro livro “O Capital”, cap. 38.

A autogestão que evidenciamos nos grupos atendidos pelo NUDESE, pode se dizer que é uma autogestão parcial (possível), pois opera em unidades de produção ou de trabalho que possuem *características autogestionárias*¹⁷. É parcial porque não se realiza plenamente, e não se realiza porque se encontra inserida no sistema de capital e não em uma Autogestão Social, que somente poderá existir nas unidades produtivas em uma autogestão plena, ou seja, quando houver a emancipação humana.

Nos empreendimentos econômicos solidários pesquisados, em sua grande maioria, há um esforço de gestão coletiva. Foi possível perceber a presença de diversos valores de solidariedade, coletividade e participação nestes espaços. Isto se dá por uma diferença crucial entre a economia capitalista e a solidária. No capitalismo, o interesse é no lucro de alguns e na economia solidária o interesse é o bem-viver de todos. Nesse sentido, Gadotti afirma que

Os empreendimentos solidários se distinguem dos empreendimentos capitalistas porque propõem uma gestão democrática, relações intersubjetivas de trabalho, trabalho em rede, mutualismo, respeito aos direitos sociais e trabalhistas. (Gadotti, 2009, p. 31)

A partir daí é possível pensar as cooperativas e associações de trabalhadores enquanto formas de resistência que evidenciam as contradições do sistema. A fim de que o trabalho adquira um caráter emancipatório faz-se necessário que as cooperativas e associações sejam autogeridas, para que os sujeitos possam agir enquanto sujeitos de si. De acordo com Tiriba (2001, p. 182):

a autogestão consiste em que cada um possa constituir-se senhor de si mesmo, de seu trabalho, como sujeito criador de história e construtor de uma nova ordem social o que pressupõe uma relação estreita entre teoria e prática, entre o que-fazer no chão-da-produção e os fundamentos filosóficos e científico-tecnológicos relativos ao mundo do trabalho.(TIRIBA 2001, p. 182)

¹⁷ As características autogestionárias envolvem, em resumo, a gestão democrática, o autocontrole do processo de produção pelos trabalhadores, e a distribuição do resultado.

Novamente aqui ao mesmo tempo em que a autogestão é um limite devido a tudo que foi exposto acima, ela também é uma possibilidade para a emancipação da classe trabalhadora.

A **Rotatividade de pessoal** foi apontada também como uma das dificuldades enfrentadas pelos empreendimentos pesquisados conforme algumas falas.

O grupo de gastronomia relata:

É e aí ela foi a primeira a trabalhar. Aí precisava de gente pra trabalhar, que ninguém parava, e aí foi até uma luta, foi difícil de conseguir.

Nota-se muito a rotatividade de pessoal junto ao empreendimento de reciclagem, devido a diversas dificuldades apresentadas como alto índice de drogadição, busca de trabalho visto como mais digno, a não certeza de um valor digno para seus sustentos.

Falam que o que mais os chama a atenção é que a possibilidade de gerir seu próprio empreendimento na maioria dos casos é o que faz com que muitos desistam de empreender e busquem um emprego de “carteira assinada”, pois têm as garantias e não correm o risco de gerenciar mal ou encontrar dificuldades na comercialização que garantiria suas retiradas. Que preferem receber ordens do que pensar coletivamente os caminhos do empreendimento.

Mas também fica claro nas falas destas lideranças que quando vivenciam o trabalho criativo, coletivo, isto traz uma satisfação muito grande e impulsiona a continuar apesar das dificuldades.

Eu acho mais difícil que tá sendo tudo isso é que a gente não tá se unindo todas pelo mesmo pensar, entendesse? Cada uma pensa de uma maneira. Eu penso assim ó: eu procuro ser correta com todas, não tem aquela coisa de eu me acho melhor que as outras. Não. Eu procuro ser igual a todas, mas eu acho que agora é uma coisa assim, como é que eu vou te explicar? Fugiu a palavra. Mas ali é diferente o grupo agora do REDE no caso dos escoteiros, porque a gente ia lá de voluntário, trabalhava, fazer comida, fazer isso, fazer aquilo pra gurizada. Ali não, ali parece que a gente tem que se valorizar mais porque tu tá expondo teu produto. Tu tá fazendo as tuas coisas e quer cada dia fazer melhor pra...”

A **Formação de novas lideranças** é apontada como dificuldade principalmente pelos grupos pós-incubados e até os incubados começam a

reconhecer este limite, visto que vêm enfrentando dificuldades que outras pessoas assumam ou dividam a tarefa de ser o motivador, o protagonista da história dos grupos. Chegam a verbalizar a necessidade de formação específica para integrantes dos grupos, buscando solucionar tal problema como podemos ver na fala

E tu renovar o quadro é difícil, porque o quadro que tá vindo de jovens é da pesca predatória, táis entendendo? E o que eles pensam? Vai para cooperativa não vamos poder fazer mais ela. Então eu vejo esta realidade dentro da comunidade. Eles vão ter esta pressão para que não façam ela. Porque hoje a juventude que tá vindo tá fazendo a pesca predatória. E qual é a visão que eles têm. Vai para cooperativa não posso fazer mais ela. Então eu vejo esta realidade hoje em dentro da comunidade. Vão ter uma pressão para que não façam mesmo. Porque hoje a juventude que tá vindo é pra fazer a pesca predatória a maioria deles, não é para pesca seletiva, vejo isto na comunidade, a nossa é um horror, hoje 80% é isto, então é difícil renovar o quadro.

A importância de uma formação tanto política-filosófica, quanto técnica, no que se refere às cooperativas e associações que seguem uma lógica econômico-solidária, são bastante necessárias. Os dois tipos de formação são igualmente importantes em demandas diferentes da produção associada, uma vez que é muito importante que os sujeitos se compreendam enquanto atores nesse processo, e que possam mesmo estando inseridos nesse sistema de produção, realizar as suas atividades buscando princípios caros à Economia Popular Solidária, e tentando assim superar esta contradição.

Outra questão a se considerar é que a forma como os empreendimentos se constituem, influencia diretamente a sua relação com a formação, e com a noção de autogestão dos grupos de forma geral. Aqueles grupos que possuem uma relação com movimentos sociais, ou surgem deles ou estabelecem relações mais orgânicas com a comunidade em que estão inseridas, assimilam melhor os conceitos de cooperação, autonomia do que os outros empreendimentos.

É quase unânime e bastante positiva a compreensão que os empreendimentos possuem da necessidade de *formação permanente* em Economia Popular Solidária. Os espaços formativos têm enorme importância uma vez que, possibilitam o que Mézáros (2005) chama de *contra-internalização*, podendo ser o primeiro passo para romper com a lógica

desumanizadora do capital. A contra-internalização se caracteriza pelo posicionamento contrário à internalização dos ideais do modo de produção capitalista.

Com base na pesquisa de campo, observações das formações e no acompanhamento sistemático realizados pelo NUDESE, nota-se a importância das lideranças na superação de limites da Economia Popular Solidária, bem como são os incentivadores para que busquem as possibilidades para obterem êxito em seus empreendimentos e conseqüentemente mude suas condições de vida.

5. Aproximações entre a Economia Popular Solidária e a Educação Ambiental Crítica: Uma Análise a partir do Processo Formativo dos Trabalhadores de EES atendidos pelo NUDESE-FURG

As aproximações entre Economia Popular Solidária e Educação Ambiental Crítica são muitas desde suas origens, princípios e fundamentos, mas principalmente nas suas práxis, que é o que tentarei demonstrar neste capítulo, usando como análise os processos formativos dos trabalhadores de empreendimentos econômicos solidários atendidos pelo NUDESE-FURG.

5.1. A Educação Ambiental Crítica e a relação com a Economia Popular Solidária

Nos últimos tempos a humanidade tem se ocupado em refletir sobre as condições de vida no planeta e como os seres humanos viverão no futuro. Qual será a condição de sobrevivência de seres humanos neste planeta? Qual o papel da Educação Ambiental neste cenário? E a Economia Popular Solidária em que contribui?

De acordo com Trein:

A educação ambiental, numa perspectiva crítica, não pode abrir mão do rigor teórico-metodológico na análise da realidade. O pensamento crítico, ao desvendar o modo de produção capitalista, sua estrutura interna, as contradições que engendra enquanto processo social, seus limites materiais, aponta também os mecanismos de ocultamento dessa realidade, elaborados pela ideologia dominante. É importante compreender os traços fundamentais de um sistema que se baseia na exclusão social, na exploração da classe trabalhadora, na destruição da natureza e na mercantilização de todos os elementos da natureza e das dimensões sociais e culturais das relações humanas (TREIN, 2008, p. 43).

Nesta perspectiva é que aproxima a Economia Popular Solidária e a Educação Ambiental em especial a Educação Ambiental Crítica.

São premissas e princípios da Economia Popular Solidária a autogestão, democracia, solidariedade, cooperação, respeito à natureza, comércio justo e

solidário e participação. Todos eles se aproximam muito das premissas da Educação Ambiental Crítica.

Trago aqui uma citação de Loureiro para mostrar a proximidade da Educação Ambiental Crítica e da Economia Solidária.

Participar é compartilhar poder, respeitar o outro, assegurar igualdade na decisão, propiciar acesso justo aos bens socialmente produzidos, de modo a garantir a todos a possibilidade de fazer a sua história no planeta, de nos realizarmos em comunhão. Participação significa o exercício da autonomia com responsabilidade, com a convicção de que a nossa individualidade se completa na relação com o outro no mundo, em que a liberdade individual passa pela liberdade coletiva. (LOUREIRO, 2004, p. 14)

Nesta citação, Loureiro está referindo-se à “participação” no olhar da Educação Ambiental Crítica e que é exatamente a premissa perseguida pela Economia Solidária.

E mais, no momento em que o sujeito começa a participar, ele começa a experimentar outros princípios da Economia Solidária como aprender a exercer a autogestão, pois como ressaltado na citação de Loureiro (2004) ao relacionar o exercício de autonomia, onde a liberdade individual passa pela liberdade coletiva, preceito básico para buscarmos a autogestão. E assim um princípio vai complementando o outro e/ou introduzindo o outro, pois para exercermos a autogestão precisamos vivenciar outros princípios, como a democracia, a solidariedade e a cooperação.

E destes princípios, outros dois são apresentados, quais sejam: o respeito à natureza, e comércio justo e solidário, princípios que também são caros à Educação Ambiental Crítica.

Não há respeito à natureza sem atuarmos no nosso ato de consumir, portanto, a reflexão sobre o comércio justo e solidário se faz necessário e é trazida pela Economia Popular Solidária.

(...) o Comércio Justo e Solidário adota a autogestão nos marcos da economia solidária como elemento central de sua própria identidade e enfatiza que devem ser igualmente solidárias todas as relações econômicas no interior das cadeias de produção, comercialização e consumo. Trata-se, portanto, do fluxo comercial diferenciado, baseado no cumprimento de critérios de justiça e solidariedade nas relações comerciais, que resulte na participação ativa dos Empreendimentos Econômicos Solidários por meio de sua autonomia. (INSTITUTO MARISTA DE SOLIDARIEDADE – IMS 2010).

Este é outro princípio da Economia Popular Solidária – EPS que a aproxima da Educação Ambiental Crítica; outra reflexão também trazida pela EPS é o respeito à natureza, pois os produtos da economia solidária na produção de alimentos estarão pelo menos na transição agroecológica, por entender a natureza em sua totalidade.

Dentro desta linha de compreensão da realidade é que pretendemos, através da perspectiva da Educação Ambiental Crítica, analisar de que forma e em que medida o Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico – NUDESE contribui para a constituição de sujeitos capazes de desenvolver seus empreendimentos econômicos solidários a partir da organização comunitária e popular.

5.2. Como o processo formativo contribui na aproximação entre a Economia Popular Solidária e a Educação Ambiental Crítica

Buscando contribuir na sistematização do estudo da Economia Solidária e de seus empreendimentos, mostrando que estes existem e são formas alternativas de economia e de luta na sociedade vigente e a quase inexistência de trabalhos que buscam trazer a temática da Economia Solidária no campo da Educação Ambiental, embora estes dois campos estejam articulados, não somente em função dos seus princípios e fundamentos, mas também em sua origem e desenvolvimento de luta por uma sociedade de relações humanamente sustentáveis.

Trazer o trabalho destes empreendimentos para o campo da Educação Ambiental Crítica é trazer a temática da Economia Popular Solidária para este campo, atrelando duas formas de luta (movimentos sociais) que têm a categoria trabalho como ponto crucial. Assim, este trabalho tem o intuito de dialogar acerca das relações entre a Educação Ambiental Crítica e os lugares e experiências não formais do processo educacional, como é o caso dos empreendimentos econômicos solidários atendidos pelo NUDESE - FURG, refletindo sobre as formações de trabalhadores da economia popular solidária

como processos educativos e, particularmente, educativo-ambientais, por conter aspectos que visam à sustentabilidade do humano no ambiente, ou seja, visam à autonomia e à emancipação humana de tudo aquilo que nos impede de ser mais humano e, portanto, mais feliz. A Economia Solidária,

Ao considerar o humano na sua integralidade, como sujeito e finalidade da atividade econômica, a economia solidária desenvolve as capacidades dos trabalhadores e trabalhadoras, valoriza o associativismo, o trabalho das mulheres e de outros setores excluídos da sociedade, expressando um novo modelo de desenvolvimento sustentável e solidário (Assembleia Legislativa do RS, 2017).

Já, em relação à Educação Ambiental, numa perspectiva crítica, podemos dizer que “o principal indicador de sucesso de uma ação educativa ambiental está não no alcançar metas previamente definidas, mas em se estabelecer um processo de aprendizagem que seja participativo, emancipatório e transformador” (LOUREIRO, 2005, p. 328). Um dos principais elementos a serem observados na verificação da coerência entre os princípios teóricos-críticos e a prática em Educação Ambiental é a

Não centralização e distribuição justa de atribuições entre os participantes. Todos são participantes do processo e, apesar das especificidades funcionais, não pode haver hierarquia de poder que expresse a estrutura social desigual e classista da sociedade capitalista” (LOUREIRO, 2005, p. 329).

Interessa-nos, então, discorrer acerca da relação existente entre Economia Solidária e Educação Ambiental no âmbito das formações realizadas junto aos trabalhadores associados de empreendimentos econômicos solidários do NUDESE - FURG

A Educação Ambiental Crítica, como estamos a entendendo, é aquela que não só historiciza as relações sociais na natureza, como também almeja a autonomia e a liberdade das pessoas, através da busca por transformações das suas condições objetivas e subjetivas. Existe em função da crítica ao atual modelo de sociedade, pelo desvelamento da mesma, por meio do desenvolvimento da consciência crítica, o que pode levar à transformação material da realidade e dos sujeitos envolvidos neste processo (MOURA et al., 2013). A Educação Ambiental Crítica que defendemos “se revela ao lado daqueles setores sociais que, embora sendo maioria, estão excluídos dos benefícios do sistema cultural e econômico”, pois “o modelo de

desenvolvimento que aí está não favorece a todos”, mas “de modo particular uma elite na sociedade” (PEREIRA, 2006, p. 48).

Falamos da Educação Ambiental definida no Brasil a partir de uma matriz que vê a educação como elemento de transformação social (movimento integrado de mudança de valores e de padrões cognitivos com ação política democrática e reestruturação das relações econômicas), inspirada no fortalecimento dos sujeitos, no exercício da cidadania, para a superação das formas de dominação capitalistas, compreendendo o mundo em sua complexidade como totalidade. Portanto, a concepção de Educação Ambiental que temos se origina no escopo das pedagogias críticas e emancipatórias, especialmente dialéticas, visando um novo paradigma para uma nova sociedade (LOUREIRO, 2012).

A finalidade primordial da Educação Ambiental Crítica é revolucionar os indivíduos em suas subjetividades e práticas nas estruturas sociais-naturais existentes, ou seja, estabelecer processos educativos que favoreçam a realização do movimento de constante construção do nosso ser na dinâmica da vida como um todo e de modo emancipado. Em termos concretos, isso significa atuar criticamente na superação das relações sociais vigentes, na conformação de uma ética que possa se afirmar como “ecológica” e na objetivação de um patamar societário que seja a expressão da ruptura com os padrões dominadores que caracterizam a contemporaneidade (LOUREIRO, 2012, p. 73).

No Brasil, pouco se tem explorado a articulação da Educação Ambiental e da Economia Solidária, apesar de ambas terem muito em comum ou serem complementares. Há ainda uma necessidade de criação de sinergia e articulação entre os dois movimentos (TYGEL, 2007).

Nos processos formativos em Economia Solidária realizados pelo NUDESE junto aos empreendimentos econômicos solidários por ele incubados, pós-incubados ou assistidos podemos relacionar a Economia Popular Solidária com a Educação Ambiental Crítica não só pelos fundamentos e princípios da Economia Solidária, mas porque a Educação Ambiental, na perspectiva Crítica visa oferecer subsídios para o exercício real da cidadania, buscando-se a realização da autonomia e liberdade humanas, a politização da problemática

ambiental em sua complexidade e o diálogo entre ciência e cultura popular nos processos de participação social e exercício da cidadania (LOUREIRO, 2006 apud ARAÚJO, 2012).

No âmbito do desenvolvimento de formações junto a trabalhadores associados em Economia Solidária, essa relação entre Economia Solidária e Educação Ambiental significa construir junto aos trabalhadores, novos modelos de desenvolvimento capazes de intervir nos processos decisórios fundamentais na gestão do ambiente. Assim, é uma ação que reforça o protagonismo de diferentes atores sociais de modo compartilhado e participativo (ARAÚJO, 2012).

Nos empreendimentos em fase de incubação por parte da INTECOOP-FURG encontram-se aqueles empreendimentos que estão desde o início de sua constituição junto ao NUDESE e seu desenvolvimento necessita ainda de formação e assessoramento em princípios e fundamentos da Economia Solidária, bem como dos mecanismos necessários ao estabelecimento e planejamento de negócios. Encontram-se nesta fase, os empreendimentos ligados à gastronomia, o Grupo Delícias Solidárias, composto por cinco trabalhadoras, e a rede de artesanato, composta por seis artesãs que produzem individualmente e comercializam coletivamente. Com estes grupos, as atividades de formação são desenvolvidas de forma dialógica e continuada, estruturadas em uma agenda de reuniões técnicas quinzenais, que compreende não só uma reunião prévia da equipe de trabalho para organização das temáticas com enfoque nas demandas dos trabalhadores e do material a ser utilizado nas formações, bem como as reuniões com os trabalhadores para a realização das formações propriamente ditas, onde são trabalhados temas como o que é Economia Solidária, suas práticas, empreendimentos, movimentos sociais; consumo ético e circuitos de consumo; importância enquanto política pública; formação, incubação, pós-incubação e assessoria; planejamento financeiro; produção, comercialização e consumo solidários; articulação com outros grupos e redes de Economia Solidária; participação em eventos como encontros e fóruns, entre outros (MOURA et al., 2018).

Salta aos olhos que tanto a Educação Ambiental quanto a Economia Solidária conclamam ao cidadão a observar, quando olhar um produto, todo o processo que fez com que ele chegasse à sua atual forma. Assim, produtos aparentemente iguais são diferenciados por suas histórias, seus processos de produção: no âmbito ambiental, trata-se de observar os impactos ambientais gerados, e no âmbito da economia solidária, de observar toda a cadeia de compras de insumos realizada até se chegar ao produto final. Ao comprar um produto da Economia Solidária, estamos investindo em um produto que há distribuição do faturamento daquela venda de maneira democrática entre os trabalhadores que o produziram, enquanto que, no caso de um produto oriundo da economia capitalista, estaremos investindo numa forma de produção baseada no trabalho subordinado e no acúmulo de capital pelo dono da empresa. Portanto, tanto a Educação Ambiental quanto a Economia Solidária destacam que é o processo – a história – e não o produto ou o serviço em si, que indica em que estamos investindo na sua compra ou contratação (TYGEL, 2007).

Nas formações dos trabalhadores tem-se buscado também o fortalecimento do trabalho em rede por meio da participação nas atividades dos fóruns de Economia Solidária, Fórum da Lagoa dos Patos especificamente para o empreendimento ligado à pesca artesanal e, Rede Nacional de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares. Acreditamos que a formação de trabalhadores associados em Economia Solidária precisa criar mecanismos que estimulem a união e organização de trabalhadores que seguem estes princípios, com vistas ao seu fortalecimento, de seus empreendimentos e de uma outra realidade social na perspectiva da classe trabalhadora. E, estes espaços de trabalho em rede são propícios para se discutir questões comuns à Economia Solidária e à Educação Ambiental, uma vez que junto a outros trabalhadores que estão na mesma lógica de trabalho, podem problematizar em grupo, suas dificuldades e desafios, de modo a poderem avançar, cada vez mais, rumo ao desenvolvimento de outras relações sociais, afinal,

A participação popular se dá através das formas de associativismo e pelos movimentos sociais que possibilitam a formação de identidades coletivas e ideários comuns, pré-requisitos para a demanda coletiva

de direitos e para a criação de novos valores e normas para a vida societária (MOURA e LOUREIRO, 2015).

É nesta perspectiva que os empreendimentos econômicos solidários da INTECOOP-FURG vêm participando neste ano de 2018 de eventos como Feira de Economia Solidária realizada em Rio Grande/RS, da 25ª Feira Internacional do Cooperativismo (FEICOOP) em Santa Maria/RS, do Encontro Regional dos Grupos de Consumo Responsável em Pelotas-RS, 36º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul em Porto Alegre/RS, Seminário sobre o tema Educação Popular e Economia Solidária e II Curso de Cooperativismo Popular e Movimentos Sociais em São Lourenço do Sul-RS.

Neste sentido, a organização social, como preconiza as formações de trabalhadores em Economia Solidária, é uma possibilidade de construção coletiva de novas formas de gestão do trabalho e da própria vida. Nesses processos, cabe-nos criar condições para o exercício coletivo da crítica aos padrões hegemônicos e hierarquizados sob os quais se organiza a sociedade vigente.

Deste modo, assim como a Educação Ambiental, a Economia Solidária busca qualificar a ação política dos cidadãos para criar e recriar novas formas de relação cultural e econômica em diferentes instâncias sociais. Por isso, tem como princípios orientadores a democracia, a cooperação e a autogestão que recolocam a melhoria das condições de trabalho e a qualidade de vida acima do lucro, pois num empreendimento solidário a gestão deve ser feita pelo conjunto de pessoas envolvidas em todo o processo produtivo e, para que isso efetivamente aconteça é necessário reinventar o poder, diluindo os modelos hierárquicos de organização do trabalho em formas colaborativas e solidárias de produção como vem acontecendo nas formações realizadas pelo NUDESE.

Diante de uma sociedade desigual, fundada em relações de expropriação (do trabalho e da natureza), entendemos que a nossa responsabilidade, enquanto educadores ambientais comprometidos com o processo de transformação da realidade, está relacionada à luta pela superação de uma educação reprodutivista do padrão vigente de dominação social (SAVIANI, 1997). Portanto, ao se adotar uma Educação Ambiental Crítica, precisamos ir contra a desumanização, condição para a objetivação de relações sociais não

alienadas com a natureza. Esta é uma prática comum também à Economia Solidária.

Como ensina Loureiro

a educação, por ser uma prática social, expressa o modo como nos organizamos em sociedade, como nós compreendemos como ser da natureza e, simultaneamente, manifesta e potencializa os questionamentos e reflexões sobre a realidade, num processo de crítica e autocrítica, de ação política e conscientização coletiva”. (LOUREIRO, 2012, p. 155)

Logo, como explica o autor, “é parte constitutiva da Educação Ambiental buscar entender e atuar nos campos dos embates de ideias, dos conflitos sociais, assumindo posições, contrapondo tendências que buscam se afirmar hegemonicamente, num contínuo movimento de aprendizagem, de viabilização de novos patamares societários e civilizacionais”.

Assim, a Educação Ambiental Crítica do mesmo modo que a Economia Solidária corrobora com a educação para a liberdade porque, por meio de suas práxis, problematiza a realidade e promove a intervenção, de modo a se constituir um movimento de superação das contradições inerentes à sociedade de classes (LOUREIRO, 2014). Dessa forma, diante da crise socioambiental que testemunhamos e da emergência de seu enfrentamento, pode-se afirmar que a Economia Solidária e a Educação Ambiental Crítica devem alcançar, não exclusivamente, mas principalmente, aqueles que estão em condições de maior vulnerabilidade – povos tradicionais, trabalhadoras e trabalhadores, enfim, todas e todos que se encontram em situação de desigualdade tanto social, quanto no uso dos recursos naturais. Nessa perspectiva, a educação ambiental deve alcançar os múltiplos espaços da sociedade, a partir da perspectiva dos trabalhadores e do conjunto de oprimidos, e promover a práxis de caráter transformador e emancipatório (DA COSTA e LOUREIRO, 2014).

Logo, consideramos que os pressupostos da Educação Ambiental Crítica podem ser considerados análogos aos da Economia Solidária na medida em que, sob uma perspectiva crítica, pretendem complexificar a realidade em suas múltiplas determinações materiais, epistemológicas e culturais visando instrumentalizar os sujeitos para a transformação da realidade socioambiental (ARAÚJO, 2012), já que um trabalho educativo articulando aspectos ambientais e de Economia Solidária deve levar os trabalhadores a reflexões

sobre organização social, econômica e ambiental, desenvolvimento, progresso, felicidade, riqueza e cultura. Sem esta perspectiva, tanto a Economia Solidária quanto a Educação Ambiental perdem o seu caráter emancipatório, crítico ou transformador (TYGEL, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar o processo formativo em Economia Popular Solidária das lideranças dos empreendimentos atendidos pelo NUDESE-FURG, podendo assim apresentar as contribuições deste estudo à luz da Educação Ambiental Crítica é fazer com que a Educação Ambiental Crítica adentre a outros espaços populares. Poucos são os trabalhos acadêmicos que unem estes dois temas e que são bastante complementares um ao outro no que diz respeito à construção de uma outra sociedade, mais justa, mais humana, sustentável no verdadeiro sentido da palavra. Trein nos lembra que:

A Educação Ambiental, apoiada em uma teoria crítica que exponha com vigor as contradições que estão na raiz do modo de produção capitalista, incentiva a participação social na forma de uma ação política, estando aberta ao diálogo e ao embate, visando à explicitação das contradições teórico-práticas subjacentes a projetos societários que estão permanentemente em disputa (TREIN, 2008, p. 44).

Isto foi apontado nas entrevistas realizadas, onde os entrevistados demonstram a importância das formações e mais que isto além de recordarem os temas tratados, apresentam ao longo das entrevistas alguns conceitos e teorias já desenvolvidas e que já fazem parte do seu cotidiano.

Visto a proximidade destes temas poderíamos sugerir a Trein acrescentar a expressão: “A Educação Ambiental e a Economia Popular Solidária, apoiada em uma teoria crítica...” Afirmamos que a Economia Popular Solidária e a Educação Ambiental Crítica se aproximam desde suas origens e princípios, mas também em suas práxis de luta por uma sociedade mais justa com relações humanamente sustentáveis.

É necessário reafirmar, aqui, de que Educação Ambiental estamos falando. Defendemos a Educação Ambiental Crítica, a que segundo (MOURA, 2016) não só historiciza as relações sociais na natureza, mas também busca a

autonomia e a liberdade das pessoas, através da perseguição por transformações das suas condições objetivas e subjetivas.

Afirmamos que a Educação Ambiental que defendemos é a Educação Ambiental Crítica que apresenta um grande potencial de ser transformadora da realidade, por estar diretamente ligada à nossa prática social. A Educação Ambiental Crítica que queremos “se revela ao lado daqueles setores sociais que, embora sendo maioria, estão excluídos dos benefícios do sistema cultural e econômico”, pois “o modelo de desenvolvimento que aí está não favorece a todos”, mas “de modo particular uma elite na sociedade” (PEREIRA, 2006, p 48).

Bem semelhante é a proposta da Economia Popular Solidária, a proposta de uma outra economia possível, mesmo que ainda dentro do modo de produção capitalista, mas vem buscando valores como solidariedade, participação, autonomia, entre outros. Busca o tão sonhado comércio justo e solidário. Justo e solidário para quem produz, mas também justo e solidário para quem compra.

Notamos que ambas as propostas são contra hegemônicas, tanto a Economia Popular Solidária como a Educação Ambiental Crítica são revolucionárias aos indivíduos em suas subjetividades e práticas nas estruturas sociais-naturais existentes, ou seja, estabelecem processos educativos que favorecem a construção do nosso ser na dinâmica da vida como um todo e de modo emancipado. Em termos concretos, isso significa atuar criticamente na superação das relações sociais vigentes, na conformação de uma ética que possa se afirmar como “ecológica” e na objetivação de um patamar societário que seja a expressão da ruptura com os padrões dominadores que caracterizam a contemporaneidade (LOUREIRO, 2004, p. 73).

A Educação Ambiental Crítica que nós apoiamos é a que tem por método a dialética, tendo o pensamento marxista como o referencial teórico que dá suporte às análises da realidade social. Partimos com o método materialista histórico-dialético desenvolvido por Marx como método de interpretação da realidade, visão de mundo e práxis:

O caráter material do método diz respeito à organização da sociedade para a produção e a reprodução da vida e o caráter

histórico busca compreender como se organizou a sociedade através da história, isto é, procura desvendar, para interpretação da realidade, as formas históricas das relações sociais estabelecidas pela humanidade (LOUREIRO et al., 2012).

Trein (2012) também nos adverte:

Ler a realidade de forma crítica nos ajuda a explicitar as relações sociais mercantilizadas e alienantes que perpassam a forma hegemônica de organizar a sociedade. Por isso entendemos que incorporar a dimensão ambiental na educação é expressar o caráter político, social e histórico que configura a relação que os seres humanos estabelecem com a natureza mediada pelo trabalho.(TREIN, 2012)

Foi o que esta pesquisa buscou denunciar. As relações sociais bastante mercantilizadas e alienantes e a aproximação entre os dois campos, a Educação Ambiental Crítica e Economia Popular Solidária como facilitadoras para a organização de determinados grupos para o enfrentamento, destas relações. Nos processos formativos dos empreendimentos atendidos pelo NUDESE podemos observar alguns preceitos como: a leitura da realidade de cada grupo, quais suas dificuldades e suas potencialidades para daí poder elaborar suas atividades formativas. Foi observado, também, que o potencial de tal formação tem preparado sujeitos que se encorajam em intervir social e politicamente no ambiente no qual vivem, não mais somente em seu empreendimento isoladamente, como apresentado em muitas falas.

Das várias aproximações entre Educação Ambiental Crítica e Economia Popular Solidária que emergiram da pesquisa destaque três, são elas: categoria trabalho como ponto crucial para o desenvolvimento humano; a aprendizagem como um processo participativo, emancipatório e transformador e por fim ser contra a desumanização.

A pesquisa ratificou o que a revisão bibliográfica apontava, trouxe o trabalho como o “motor” para o desenvolvimento humano, assim como confirmou a minha crença que o processo de ensino aprendizagem se desenvolve de forma mais efetiva quando se dá num ambiente participativo e somente assim pode ser emancipatório e atingir a transformação social tão sonhada.

Mais que isto fez com que reavivasse o fogo da militante social que existe na pesquisadora para continuar a luta contra a desumanização. E para tanto

reafirmar a utopia de um mundo melhor se dá em vários espaços desde que não esqueçamos que o divisor de águas que é a luta de classes.

Das entrevistas, ainda muitos outros temas emergiram, seja para que possamos trabalhar melhor nos processos formativos ou para serem pesquisados. Um destes temas foi a questão de gênero no trabalho da Economia Popular Solidária, talvez seja este o tema do doutorado pretendido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, R. L. C. **Adeus ao Trabalho**: Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do trabalho. Ed. Cortez. Ed. Unicamp. São Paulo, 1995.

_____. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. 1ª Edição. São Paulo: Boitempo, 2005.

ARAÚJO, S. Perspectivas da economia solidária e da educação ambiental como práxis pedagógica no programa pescando letras. In **Acolhendo a Alfabetização Nos Países De Língua Portuguesa**, 6(11), 9-27, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-7686.v6i11p9-27>. Acesso em agosto de 2018.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL. **Manual de Economia Solidária**. Rio Grande do Sul, 2017.

BENINI, É.A. Sistema Orgânico do Trabalho: uma perspectiva de trabalho associado a partir das práxis de Economia Solidária: **Gestão Pública e Sociedade: Fundamentos e Políticas Públicas de Economia Solidária**. Volume I, 2011.

BOTTOMORE, T. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Editora Zahar. Edição digital: abril 2013.

BRANDÃO, C. R.; ASSUMPÇÃO, R.. **Cultura Rebelde**: Escritos sobre a Educação Popular ontem e agora. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009. Disponível em: http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/82/FPF_P_TPF_12_065.pdf. Acesso em outubro 2016.

CATTANI, A. **Trabalho & Autonomia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

_____. **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

COSTA, E.D.P; NOBRE, L.R.; SCHMITT, L.; DIAS, V.G; NOGUEIRA, D.A.; CARVALHO, A.M.; COSTA, R.M. **Conhecendo os “Que Fazer” da Intcoop-Furg**. 29º Seurs. FURG, 2011.

COSTA, A. A. da. **A Educação Ambiental como proposta crítica para as práticas com pescadores artesanais**: um estudo de caso no estuário da Lagoa dos Patos, extremo do sul do Brasil. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2013.

CORAGGIO, J. L.. **Conferência de Abertura do II Congresso de Pesquisadores de Economia Solidária – II CONPES**. São Carlos, 2018.

DA COSTA, A.T.; LOUREIRO, C.F.B. **A Apropriação da Educação Popular pela Educação Ambiental nas Políticas Públicas**. Revista VITAS – Visões

Transdisciplinares sobre Ambiente e Sociedade – www.uff.br/revistavitas, Ano IV, Nº 8, setembro de 2014.

DICIONÁRIO PAULO FREIRE. Danilo R. Streck; Euclides Redin; Jaime José Zitkoski (Orgs) – 2ª ed. Ver. Amp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

ENGELS, F. **O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem.** 2004. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm>. Acesso em janeiro de 2019.

FARIA, M S. de. **Autogestão, Cooperativa, Economia Solidária:** avatares do trabalho e do capital. Tese de doutorado em Sociologia Política, UFSC, Florianópolis, 2005.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI:** o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação** – Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Medo e ousadia:** O cotidiano do Professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GADOTTI, M. **Economia Solidária como práxis pedagógica.** São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

GENNARI, A. M. Globalização, Estado, neoliberalismo e desigualdade social no Brasil. **Gestão Pública e Sociedade:** Fundamentos e Políticas Públicas de Economia Solidária. Volume I, 2011.

GHIGGI, G. **Intencionalidades Educativas em Paulo Freire:** A Educação para a Liberdade pela Afirmação da Autoridade www.ufsm.br/gpforma/1senafe/bibliocon/intencionalidades.rtf, acesso em 10/05/2018

GOERCK, C.; GAVIRAGHI, F. J.; CELSO, R. A.; ALVES, B. S.; CARLOS, A. C. S. **Incubação de empreendimentos de economia solidária:** potencialização e fomento de experiências de geração de trabalho e renda em Santa Maria no Rio Grande do Sul relato de experiência. Anais do 31º SEURS - Seminário de Extensão Universitária da Região Sul. Florianópolis-SC, 2013.

INSTITUTO MARISTA DE SOLIDARIEDADE – IMS. **Cartilha de Comercio Justo e Solidário:** Série Trocando ideias – Caderno 1, 2010. Disponível em: <http://www.unisolbrasil.org.br/2015/wp-content/uploads/2011/08/cartilha-comercio-justo-solidario.pdf>. Acesso em 29/05/2018.

LOUREIRO, C. F. B **Educar, participar e transformar em educação ambiental.** Revista Brasileira de Educação Ambiental, Brasília, v. 01, n. 00, 2004.

Teoria Crítica. In FERRARO JÚNIOR, Luiz Antônio (org.).
Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos
Educadores. Brasília: MMA, 2005.

Trajatória e Fundamentos da Educação Ambiental. 4.ed. São
Paulo-SP: Editora Cortez, 2012.

Sustentabilidade e educação: um olhar da ecologia política.
1ª reimpressão da 1ª edição. São Paulo: Cortez, 2014.

LOUREIRO, C. F. B.; TREIN, E. S.; TOZONI-REIS, M. F. de C.; NOVICKI, V.
Contribuições da teoria marxista para a educação ambiental crítica.
Cadernos CEDES, Campinas, v. 29, p.81-97, 2012.

LUXEMBURGO, R. **Citações e Frases famosas: Frases de Rosa
Luxemburgo.** Disponível em: <https://citacoes.in/autores/rosa-luxemburgo/>.
Acesso em: 11 abril 2019.

MÉZÁROS, I. **A Educação para além do Capital.** São Paulo: Boitempo, 2005.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social.** Teoria, método e criatividade.
18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, D. V. **A Organização de Classe dos Pescadores Artesanais da
Colônia Z-3 (Pelotas-RS, Brasil) na Luta pela Cidadania e Justiça
Ambiental:** Contribuições à Educação Ambiental Crítica. Tese de Doutorado.
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Rio Grande:
Universidade Federal do Rio Grande, 2016.

MOURA, D. V.; LOUREIRO, C. F. B.; ANELLO, L.F.S.; PEREIRA, M.O.R.
Situação Limite, Ato-Limite e Inédito Viável: As Categorias Freireanas
presentes nas Representações e Práticas de Educação Ambiental no Fórum da
Lagoa dos Patos. In VII Encontro de pesquisa em educação Ambiental:
Problematizando a Temática Ambiental na Sociedade Contemporânea, 2013,
Rio Claro-SP. VII Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental:
Problematizando a Temática Ambiental na Sociedade Contemporânea, 2013.

MOURA, D.V.; LOUREIRO, C.F.B. **O Fórum da Lagoa dos Patos e a
Educação Ambiental Crítica:** Uma Leitura a partir de Paulo Freire. Disponível
em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2015/03/paulo-freire.html>. Acesso em
setembro de 2018.

MOURA, D. V.; ANELLO, L.; PEREIRA, M. O. da R.; BARRETO, S. das N.;
NOBRE, L.; PÉRIUS, D. B.; BRAGA, M. A. M. **EDUCAÇÃO PARA A
AUTOGESTÃO:** A Importância dos processos formativos junto a trabalhadores
associados do Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares
(INTECOOP-FURG). II Congresso de Pesquisadores em Economia Solidária.
UFSC: São Carlos, 2018.

MOURA, D.V.; NOBRE, L.; ANELLO, L.; PERIUS, D. B.; BRAGA, M.A.M.
**Formação de Trabalhadores Associados: A Experiência do NUDESE na
INTECOOP-FURG em empreendimentos econômicos solidários no**

município do Rio Grande-RS-Brasil. XIV Seminário Internacional Procoas. Córdoba, Argentina, 2018.

NASCIMENTO, C. **Autogestão e o Novo Cooperativismo.** Disponível em: http://www.mte.gov.br/Temas/EconomiaSolidaria/TextosDiscussao/Conteudo/AUTOGESTA_O_COOPERATIVISMO.pdf. Acesso em: 27 de jul. 2018.

NOBRE, L.; ANELLO, L. **A Educação Ambiental Crítica presente no trabalho do Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico da Universidade Federal do Rio Grande (NUDESE-FURG).** Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. Edição especial XIX Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, p. 180-196, junho, 2017.

OLIVEIRA, C. T. de. **Narrativas e Imagens sobre as águas:** Educação Ambiental, memória e imaginário na pesca artesanal – um encontro com contadores de histórias. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2013.

PEREIRA, M.O.R. **Educação Ambiental com Pescadores Artesanais:** Um Convite à Participação. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande/ Instituto de Educação/Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Rio Grande-RS, 2006.

RIBEIRO, M. **Trabalho cooperativo no MST e Ensino Fundamental Rural:** desafios à educação básica. Revista Brasileira de Educação. Porto Alegre, 2007.

ROLDÃO, L. B. **Cooperativismo e Economia Popular Solidária.** Monografia de Conclusão do Curso de Direito, DCJ/FURG, 2004.

SABBATELLA, I. Crisis ecológica y subsunción real de la naturaleza al capital. **Iconos – Revista de Ciencias Sociales.** [s.l.], n.36, p. 69-80, jan. 2010. Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Ecuador (FLACSO). <http://dx.doi.org/10.17141/iconos.36.2010.384>

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, A. **A tiempo y a destiempo. Antología de ensayos.** México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

SAVIANI, D. **Escola e democracia.** 41ª edição, Campinas: Autores Associados, 1997.

SCHÜTZ, R. **Economia Popular Solidária.** Pesquisa/ação Regiões: Altos da Serra – Grande Porto Alegre – Sul/RS. Porto Alegre: Evangraf, 2002.

SILVA, E. P. da. **Para além da Gestão dos Recursos:** Uma abordagem crítica sobre a realidade da pesca artesanal na Lagoa Mirim, no Sul do Brasil. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento Costeiro. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2017.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária.** São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2002.

_____. **A Economia Solidária no Governo Federal.** Revista do Ipea Mercado de Trabalho. 2004.

TIRIBA, L. **Pedagogia(s) da produção associada.** Ijuí: Ed. Da Unijuí, 2001.

TREIN, E. S. A Educação Ambiental numa Perspectiva Crítica. In TV Escola – Série Salto para o Futuro. **A Perspectiva Crítica e Emancipatória da Educação Ambiental.** Programa 4. Secretaria de Educação a Distância. Ministério da Educação. Ano XVIII, p. 41-45, 2008.

_____. **A Educação Ambiental Crítica:** Crítica de quê? Revista Contemporânea de Educação, vol. 7, n. 14, agosto/dezembro de 2012.

TRIVIÑOS, A. N. S.. **Bases teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa nas ciências sociais.** Porto Alegre: Faculdades Integradas Ritter dos Reis, 1987.

TUMOLO, P. S. **O trabalho na forma social do capital e o trabalho como princípio educativo: uma articulação possível?** Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 90, p. 239-265, Jan./Abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n90/a11v2690.pdf>. Acesso em: março de 2018

TYGEL, D. **Economia Solidária e Educação Ambiental.** Brasília, 2007. Disponível em: http://rededegestoresecosol.org.br/wpcontent/uploads/2015/11/cartilha_economia_solidaria_e_Educacao_ambiental.pdf. Acesso em setembro de 2018.

WIRTH, I. G.; FRAGA, L. S.; NOVAES, H. T. **Educação, Trabalho e Autogestão:** Limites e Possibilidades da Economia Solidária. Disponível em: http://cirandas.net/articles/0009/6801/texto_novaes.pdf. Acesso em setembro de 2018.

APÊNDICE 1

QUESTIONÁRIO FECHADO

1. IDENTIFICAÇÃO

Empreendimento/Razão Social: _____

Endereço do Empreendimento: _____

Telefone para contato: _____

Natureza do empreendimento (setor): <input type="checkbox"/> Informal <input type="checkbox"/> Associação <input type="checkbox"/> cooperativa <input type="checkbox"/> Outros: _____
Setor de atuação: <input type="checkbox"/> (...) Urbano <input type="checkbox"/> Agrário <input type="checkbox"/> Periurbano
Número de trabalhadores ao total: _____ <input type="checkbox"/> Homens Quantos? _____ <input type="checkbox"/> Mulheres. Quantas? _____
Faixa etária:
Nível de escolaridade dos integrantes dos empreendimentos:
Ano de fundação:
População beneficiada (nº de famílias envolvidas):

APÊNDICE 2

ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

A) EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO ANTERIORES AO EMPREENDIMENTO

1. Teve alguma experiência de trabalho anterior? Quais?
2. Qual (is) o (s) tipo (s) de vínculo (s) empregatício (s)?
3. O que o motivou a trabalhar com EPS?
4. Quanto tempo de trabalho possui no empreendimento?

B) EXPERIÊNCIAS DO PROCESSO FORMATIVO DE INCUBAÇÃO

1. Sobre as formações realizadas periodicamente pela INTECOOP:
 - (a) o que é trabalhado nestas formações?
 - (b) acha importante este tipo de formação? Por que?
 - (c) como avalia a participação do grupo nos processos formativos? (Há interesse dos participantes do empreendimento em participar deste tipo de formação?)
 - (d) consegue identificar os temas abordados nas formações no cotidiano do seu trabalho?

C) ORGANIZAÇÃO, GESTÃO E RELAÇÕES DE TRABALHO

1. Quais os principais objetivos do empreendimento?
2. Como se dá a composição e organização do empreendimento?
3. As pessoas que participam do empreendimento têm funções fixas, ou há rodízios nas tarefas?
4. A produção é realizada coletiva ou individualmente?
5. Como são feitas as tomadas de decisões?
6. O empreendimento realiza assembleias? Como encaminha problemas e dificuldades do cotidiano?
7. Como se dá a participação da maioria dos integrantes? (Muita, pouca etc.), e quais os espaços para participação? E de quanto em quanto tempo reúnem-se?

8. E os planos de ação, o empreendimento faz? Como organizam a gestão? Quem é o(a) responsável ?
9. O que entende por autogestão? Acredita que o grupo caminha para isto?
10. O trabalho coletivo contribui na composição da renda familiar? Caso afirmativo, o que representa no orçamento doméstico?
11. Como é organizado o investimento e/ou manutenção do empreendimento e condições de trabalho?
12. Relação do empreendimento com as redes/articulações de comercialização solidária? Existe? Quais?

D) RELAÇÃO COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS

1. Você identifica políticas públicas voltadas para economia solidária? Se sim, cite?
2. Identifica contribuição do INTECOOP, enquanto política pública, para o empreendimento? Quais?
3. Como avalia a Economia Solidária a nível municipal/ e estadual?
4. Que investimentos entende que sejam necessários nessa área?
5. Sobre o Fórum microrregional de Economia Solidária, que avaliação o empreendimento faz dele?
6. No caso específico da pesca o Fórum da Lagoa dos Patos contribui para o desenvolvimento da atividade? Qual sua avaliação?

E) LIDERANÇAS DA EPS E SEU PAPEL NO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO HUMANA

1. Fale sobre sua trajetória de trabalho de práticas sociais até chegar os dias de hoje.
2. O processo formativo realizado pelo INTECOOP teve influência? De que forma?
3. Como entende o seu papel na consolidação da autogestão do empreendimento econômico solidário a que pertence.
4. Como é a experiência de participar de um empreendimento econômico solidário? (apontando as diferenças e semelhanças de trabalho de um empreendimento comum, se as tiver)
5. O que esta atividade acrescenta em sua vivência?

6. Como as atividades desenvolvidas junto ao empreendimento têm refletido em sua vida social?
7. Você percebe mudanças em sua atuação nos mais diversos grupos que participa depois de estar participando do empreendimento?